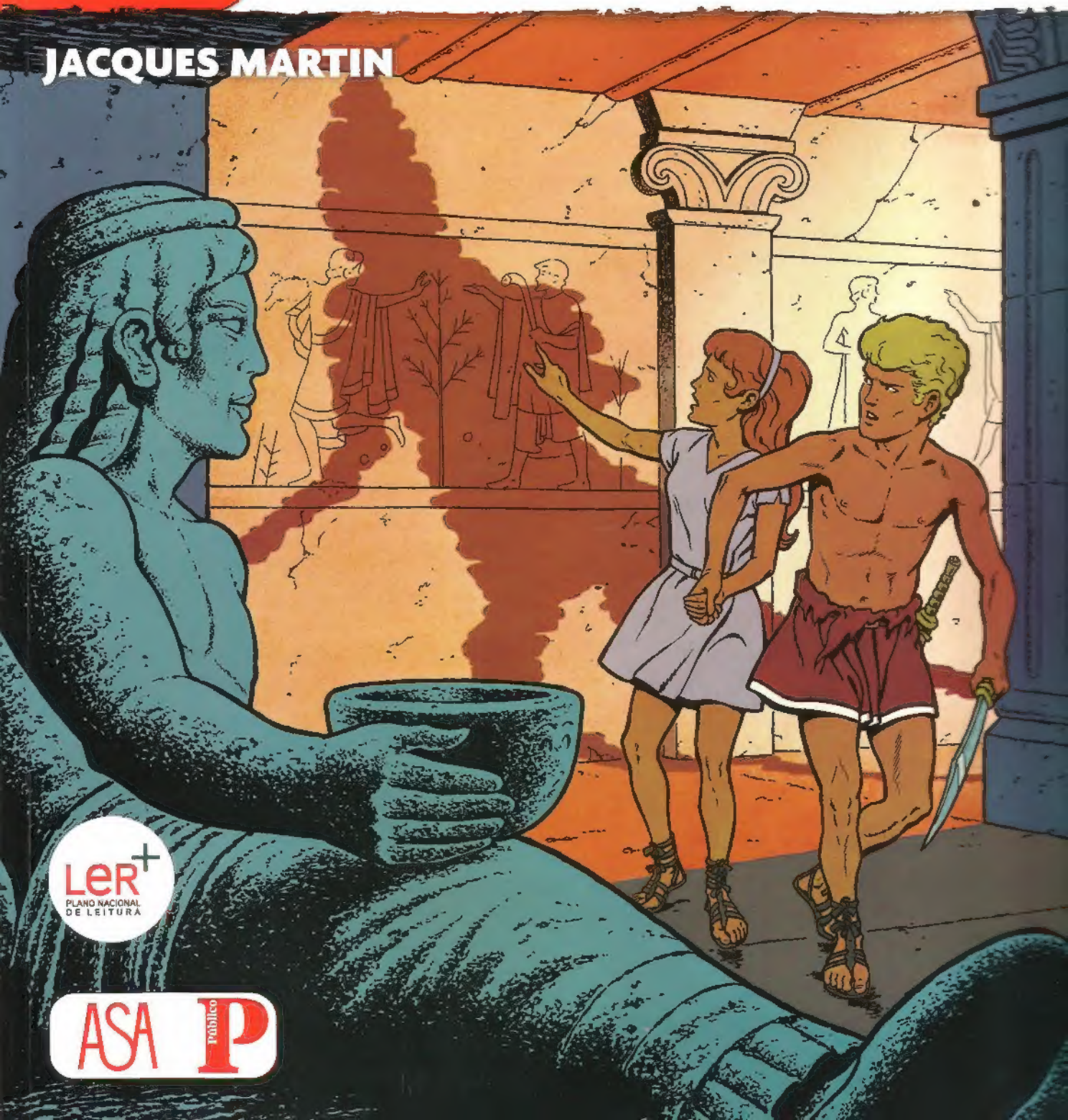




ALIX

O TÚMULO ETRUSCO

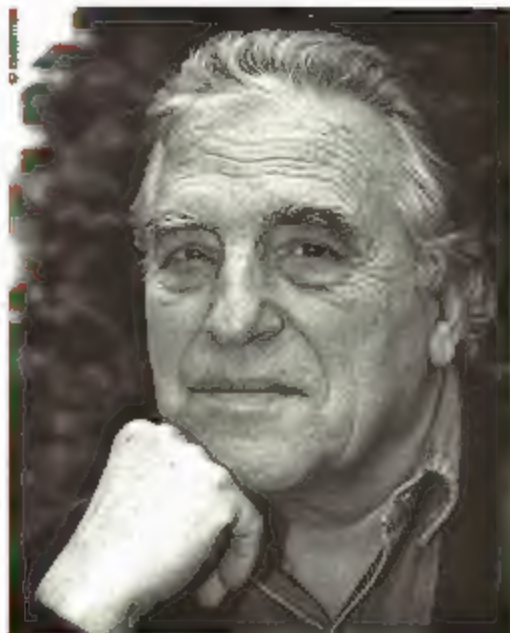
JACQUES MARTIN



LeR⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

ASA

P
Público



Jacques Martin
Argumentista e desenhador
(1921-2010)

Jacques Martin nasceu em Estrasburgo a 25 de Setembro de 1921.

A arte clássica, a BD e a história são, desde muito cedo, as suas paixões. A morte prematura do pai obrigou Jacques Martin a optar pela engenharia e a frequentar um curso de artes e ofícios na Bélgica.

É já depois do final da Segunda Guerra Mundial, em 1946, que começa a percorrer os editores belgas, a quem apresenta os seus trabalhos. Associa-se a Henri Leblicq, adoptando o pseudónimo comum Marib. Nesse período, Martin alterna séries humorísticas com outras em registo realista. Durante a mesma época, desenha também para a revista *Bravo!*, onde assina Monsieur Barbichou (1946-1949), Lamar l'Homme Invisible (1947) e as aventuras de Oeil-de-Perdrix (1947), entre outros trabalhos.

Em 1948, entra no colectivo da revista *Tintin*, onde concebe a série Alix, que se tornará nas décadas seguintes uma das obras-primas da banda desenhada franco-belga.

Em 1952, propõe Lefranc, que dinamizará em paralelo a Alix. Um ano mais tarde ingressa no Studio Hergé, onde se mantém até 1972. Desse período destaca-se a sua colaboração na série Jo, Zette et Jojo e, sobretudo, *Tintin*.

Em 1970, abandona a execução gráfica de Lefranc, que passa a ser assegurada, sucessivamente, por Bob de Moor, Gilles Chaillet, Christophe Simon e Francis Carin.

Em 1978, concebe a série Xan (depois rebaptizada Jhen), com Jean Pleyers.

A partir de 1983, desenvolve a série Arno, inicialmente desenhada por André Juillard.

Em 1990, está na origem da série Orion, cujo desenho Martin passará depois a Christophe Simon.

No ano seguinte, de novo com Pleyers, assina o argumento de *Kéos*, cuja acção decorre no Antigo Egipto.

Revelando um dinamismo criativo permanente, apesar dos seus problemas de vista, Jacques Martin lança, em 2003, a série histórica *Loïs* (desenho de Olivier Pâques); no mesmo ano, entrega o desenho de Jhen a Bernard Capo.

Na fase final da sua vida, Martin empenha-se na criação de uma equipa de jovens desenhadores, com o objectivo de assegurar a continuação das séries por ele criadas.

Morreu a 21 de Janeiro de 2010, com 88 anos.



O TÚMULO ETRUSCO

Na companhia do jovem Octávio, sobrinho de Júlio César, Alix e Enak percorrem a Via Aurélia em direcção a Roma. Quando chega a noite, avistam fumo no horizonte. Ao aproximar-se, descobrem as ruínas de uma quinta que foi recentemente atacada. Ao investigar, descobrem, com horror, os restos carbonizados de uma criança atada a um poste. Nessa mesma noite, não muito longe dali, outra exploração agrícola é atacada por misteriosos cavaleiros mascarados. Estes aprisionam todos os residentes e preparam-se para imolar uma criança pelo fogo ao deus Moloch-Baal-Amom-Tinia. Graças à intervenção de Alix e dos seus amigos, o rapaz é salvo e a quinta entregue aos seus proprietários. Não muito longe do caminho que leva o herói a Roma, uma coluna de escravos é atacada por cavaleiros idênticos aos anteriores, que massacram os soldados romanos da escolta. Ao chegarem a casa de Tullius, primo de César, são informados que o filho único do dono da casa desapareceu sem deixar rasto...

Nos mundos inferiores

Um espaço circular subterrâneo dedicado ao culto de Moloch. No seu interior, labiríntico e obscuro, evoluem Alix, Enak, Octávio e Lidia. Os horizontes infinitos, a presença vivificante da luz solar, os ambientes naturais inspiradores, tudo parece coisa do passado. O fulgor solar evidenciado no episódio anterior dá, agora, lugar a um confinamento acentuado da narrativa, trazendo de volta uma realidade temática que já estivera presente em *A Ilha Maldita*.

Jacques Martin joga tudo nesse efeito de recondução ao "centro". Estados de alma, inquietações psicológicas, situações dramáticas ou atmosferas conspirativas são os ingredientes básicos deste registo intimista procurado intencionalmente pelo autor. Com efeito, os ambientes estão saturados de angústia e depressão enquanto o drama caminha irreversivelmente para o clímax. A complexidade do que está em jogo é dada, por exemplo, através de uma representação física e literal – o labirinto que conduz à tenebrosa cripta onde têm lugar os sacrifícios humanos.

A filiação clássica desta aventura é evidente. Os protagonistas do drama são, indubitavelmente, seres humanos, vivendo de forma mais ou menos consciente os seus papéis, oscilando entre o sonho e a vigília. Mas há algo mais, por vezes indizível, que paira sobre a narrativa – e isso remete de forma evidente para o território da divindade, que tem no sacerdote louco o seu eminente representante.

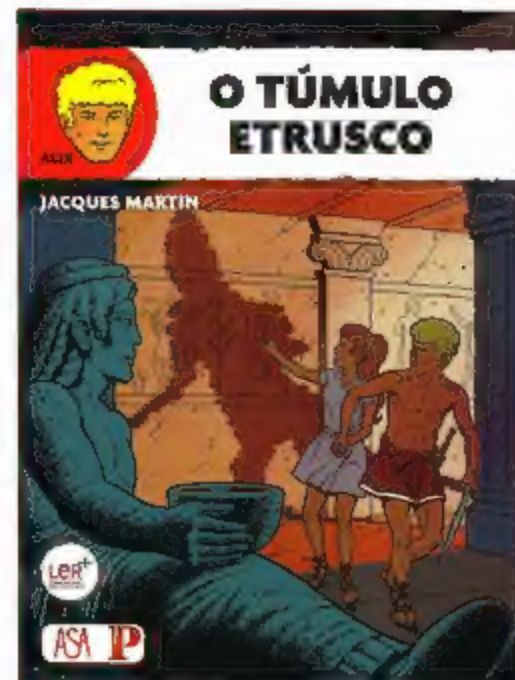
A publicação desta história provocou na época um violentíssimo ataque do diário francês *Le Monde*, assinado por Emmanuel Todd. O articulista viu nos sacrifícios de crianças realizados pelos adeptos de Moloch uma alusão simbólica a ritos que levaram os nazis a acusar os judeus, concluindo que com Martin todos os maus eram semitas. "Evidentemente, é erróneo pretender que atribua todos os papéis de 'maus' a judeus. Arbacés é grego, Varius Munda, Marcus, Livion Spura e outras personagens detestáveis são romanos, e poderia citar gaudeses, egípcios ou fenícios igualmente pouco recomendáveis", contestou Martin. "Face a ataques tão absurdos só há uma atitude possível: o desprezo."

Carlos Pessoa

O que disse Jacques Martin...

A genealogia das formas religiosas sempre me apaixonou. Ela constitui um aspecto essencial da história das civilizações. Contrariamente aos meus hábitos – mas não sou um daqueles autores que aplicam receitas feitas por medida –, voltei de novo a pedir empréstados à História a maior parte dos principais personagens. Octávio, claro, mas também a sua irmã Lidia, futura esposa de Pompeu e, depois, de Marco António, e o odioso prefeito Vesius Poillon, apreciador de moreias... Já Brutus é um personagem fictício, que pretende ser (e talvez o seja) o último descendente dos reis tarquínios.

"Avec Alix - L'Univers de Jacques Martin", de Thierry Groensteen, A. de Kuyssche e Jacques Martin, edição Casterman.



Título original
Le Tombeau étrusque

Primeira publicação na revista *Tintin*
(edição belga) entre 17 de Novembro de 1967 (n.º 45, 22.º ano)
e 28 de Maio de 1968 (n.º 22, 23.º ano).

Primeira edição em álbum
em 1968 (Casterman)

JACQUES
MARTIN

O TÚMULO ETRUSCO



ASA Público P

Título original
LE TOMBEAU ÉTRUSQUE
© 1968 by Editions Casterman

Título
O TÚMULO ETRUSCO
© 2010, Edições ASA II, S.A., uma editora do grupo Leya

Editor responsável
Maria José Magalhães Pereira

Tradução
Ricardo Pereira

Adaptação
Maria José Magalhães Pereira e Paula Caetano

Legendagem
Produção Leya

Capa
Produção Leya

Textos
Carlos Pessoa

Impressão e acabamentos
Mirandela – Artes Gráficas, S.A.

Co-edição
Edições ASA II
PÚBLICO

Maio de 2010
Depósito legal n.º 305 913/10
ISBN: 978-989-23-0787-9

Reservados todos os direitos



Edições ASA II, S.A.

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-036 Alfragide
Telef.: (+351) 21 427 22 00
Fax: (+351) 21 427 22 01
PORTUGAL

www.leya.com



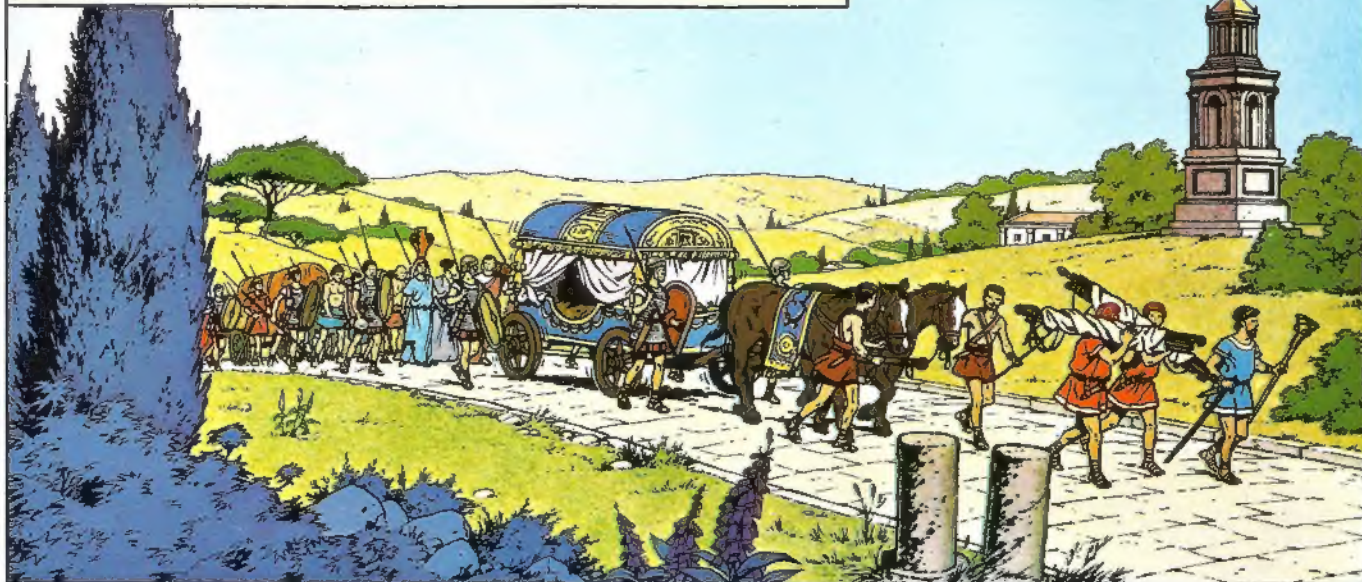
**Público, Comunicação
Social, S.A.**

LISBOA
Rua Viriato, 13
1069-135 Lisboa
Telef.: (+351) 21 011 10 00
PORTUGAL

PORTO
Rua João de Barros, 265
4150-414 Porto
Telef.: (+351) 22 615 10 00
PORTUGAL

call.center@publico.pt
www.publico.pt

Sob o sol do meio-dia, uma comitiva dirige-se lentamente para Roma. Para os homens e os animais fustigados pelo calor, a Via Aurélia parece interminável.



Helius! Devíamos parar para nos refrescarmos e descansar. Vês alguma sombra?...

Sim. Ali à frente há um rio.



Parem junto à ponte!

Está bem.



E, pouco depois...

Ah! Que frescura, meus amigos!... Ponham a mesa o mais perto possível da água.



Pode ser aqui... Helius, certifica-te de que todos descansam, comem e bebem.

Sim, senhor.



Este rio é uma dádiva dos deuses!... É tão bonito e tranquilo! Nesta época difícil, há que desfrutar de momentos agradáveis como este. A guerra civil é terrível!...



Mas... Não estamos sós!... Aqueles jovens vão-se embora?... Incomodámo-los?...





Vamos embora!... Talvez sejam homens de Pompeu!...

Não! Ainda não!... A nossa pressa pode parecer suspeita! E aqueles viajantes parecem inofensivos!...

Alix!... Vem aí alguém!...



O meu senhor, Lucius Valerius Sinner, pede-vos que aceiteis estes pães de mel.

Obrigado! Vamos saudá-lo.



Não se incomodem, jovens. Fiquem nessa margem... Mas...!?! Tu, o da frente, não és Octávio, sobrinho de César?... E tu, o mais alto, não és Alix Gracus?

Sim.

Sou.



Que feliz coincidência! Sou um velho amigo do teu tio Caius Julius César, e vi-te várias vezes em sua casa, Octávio. E o teu pai adoptivo, Alix, o nobre Honorus Galla Gracus, foi meu companheiro de armas... Para onde vão, rapazes?... A guerra civil está a causar grande perturbação em todas as cidades, e os salteadores aproveitam-se disso para devastarem os campos! Sendo vocês tão poucos, serão certamente atacados! Voltem para Roma connosco!...



Impossível, Valerius Sinner. Tenho de ir a Tarquini buscar a minha irmã, Lúdia Octávia. É uma ordem do meu tio, que pediu a Alix que me acompanhasse.



Mas porque viajam sem escolta?... É uma loucura!... Vou ceder-lhes dez dos meus guardas.



Agradeço-te, mas Alix prefere que viajemos sós... Diz que, no nosso caso, é uma vantagem.



EH!... CUIDADO!





Levou o meu
pedaço de pão?!



NÃO! NÃO ATIREM!...
NÃO LHE TOQUEM!...



Não tenhas medo, Octávio.
Eu não tenho medo!...



Devolveu-me
o pão!...

Sim,
e afastar-se.



Incrível!
Confunde-se
com o Sol!



Oh! Que prodígio!... Júpiter,
o Grande, veio designar o senhor
do mundo!... Octávio, serás o maior
entre os maiores... Júpiter é a águia
do céu, e tu serás a águia da terra!...

Todos testemunhâmos o que aconteceu. Louvado seja o maior dos deuses por se manifestar diante dos seus humildes seguidores. Os céus escolheram a linhagem de Caius Julius César, e ninguém poderá fazer nada contra ela!...



E eu que te ofereci escolta, Octávio!... Como podia imaginar!... O protegido de Júpiter, o Grande, não precisa de escolta!



Pouco depois...

Adeus e, mais uma vez, obrigado.

Boa viagem, filhos e companheiros da luz.



Os três amigos cavalgam sem problemas e, ao anoitecer, procuram um local para pernoitar.

Ali, fumo!... Vamos!...



Mas...!? É uma quinta incendiada!...



Atenção!... Cuidado!... Prendamos os cavalos antes de irmos ver o que se passa.



Pouco depois...

Não há ninguém!...



AH!... AH!...





Que horror!... Uma criança carbonizada!...

Vai, Enak, volta para junto dos cavalos.

Um romano deve aprender a mostrar-se insensível.



Talvez, Octávio. Mas um homem deve indignar-se perante um crime!

A guerra civil é assim, Alix!... Está a anoitecer. Vamos embora.



Pouco depois...

Olhem!... Há aqui uma cocheira onde podemos abrigar-nos.



Os bandidos que pilharam esta quinta nem levaram as provisões! Parece que destruíram tudo só por selvajaria.

Vamos trazer os cavalos para aqui e trancar a porta.



Pouco depois...

Imolaram uma criança... Mas o que aconteceu aos outros habitantes da quinta?...

Terão morrido no incêndio!?... Os apoiantes de Pompeu são implacáveis.



Tal como os de César!... Um crime conduz a outro e, de represália em represália, os Romanos massacraram-se uns aos outros... Agora, durmam. É tarde.



Minutos depois...

Já dormem!... O que viram esgotou-os: um, com a criança queimada; o outro, com a águia de Júpiter.



Será mesmo um oráculo?... Oxalá Octávio não passe a julgar-se um fenómeno...



Mas o comportamento da água foi estranho!... Agora, dormir!



A meio da noite...



Alix!... Ouviste?...

O que se passa?...

Sim!... Fiquem aqui... Eu vou ver.



Clarões, ali!... Outra quinta a ser atacada,



De facto, longe dali, uma herdade é cercada por um bando aos gritos.



Entrando de rompante nas casas, os assaltantes obrigam os habitantes a sair, empurrando-os à sua frente.



Então, dois cavaleiros que haviam ficado ao longo, aproximam-se, no mesmo instante em que todas as imagens dos deuses locais são atiradas ao chão.

Eis tudo o que encontramos, Grão-Mestre... E isto: o recibo dos impostos pagos à República.



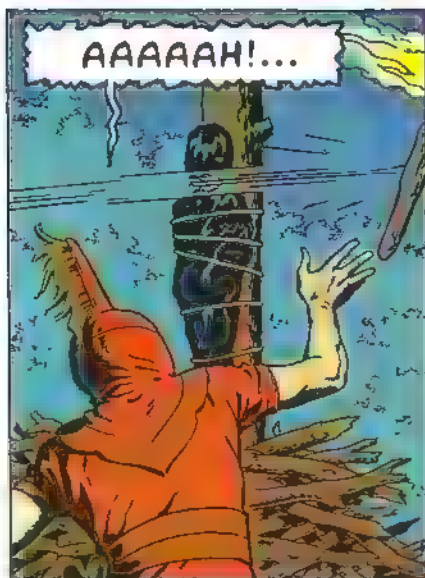
Serão castigados!... Já os tínhamos avisado de que ninguém podia pagar imposto à Roma e que deviam queimar as vossas estúpidas divindades no fogo do grande Moloch-Baal... E o que fizeram à estátua do deus supremo que lhes demos?... Destruíram-na, não foi?... É um sacrilégio que tem de ser punido... Tu, o chefe da família, aproxima-te com o mais novo dos teus filhos.

Fui obrigado a pagar o imposto... O procurador queria levar os animais e os escravos!... Quanto à estátua de Moloch-Baal, não sei... Deve estar algures... Vou ver se...



BASTA!... A vingança de Moloch-Baal será imediatamente consumada. Agarrem na criança!





AAAAAH!...



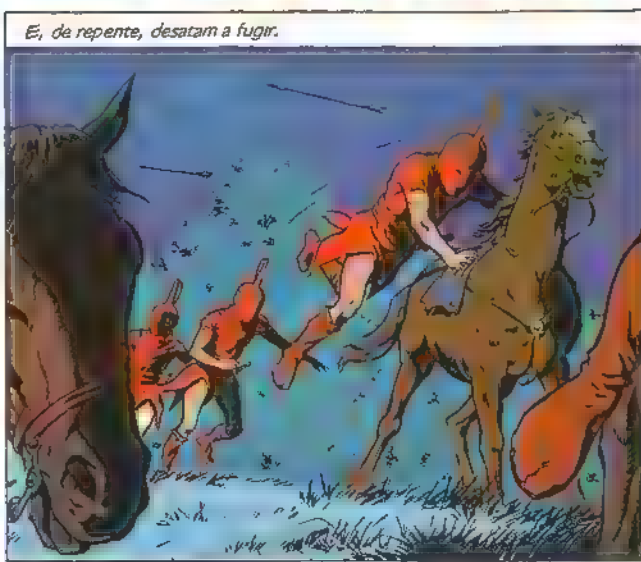
CUIDADO! HÁ ATIRADORES
ESCONDIDOS!



DEPRESSA!... A CAVALO!...



Entretanto, perante a investida, os homens
que vigiavam os habitantes recuam.



E, de repente, desatam a fugir.



BANDIDOS!... CRIMINOSOS!...
CHACAIS!... Nós é que vamos
oferecer-vos ao vosso deus infame.



Entretanto, os pais da
criança libertam-na
rapidamente.

Já acabou! Calma!
Estamos aqui!

Meu filho!
Oh, meu menino!
Estás salvo.



Então é este o deus Moloch-Baal!...
É horrroso!... E queriam aqueles
selvagens que adorássemos
este monstro!...



NÃO!... NÃO
PARTAS ESSA
ESTÁTUA!...
NÃO!...



Dá-me a estátua!... Quero vê-la...



É mesmo Moloch-Baal!...
Como é que o culto desta
divindade oriental chegou
até aqui!?

Foram estes rapazes que
escorregaram os seguidores
de Moloch-Baal!...



Como agradecer-lhes?...
Salvaram o meu filho e puseram
fim a um episódio cruel...



Venham comer alguma coisa... Deixem-
me oferecer-lhes o vinho da gratidão e
da amizade!...



Pouco
depois...

Porque querem
parir já?...
Passem aqui o resto da
noite. Os meus criados
cuidarão dos vossos cavalos.

Não, obrigado!... Estamos com pressa.
Aiás, está quase a amanhecer... Adeus...
E protejam-se destes ataques. Anem-se
e ponham guardas a vigiar as redondezas,
dia e noite.



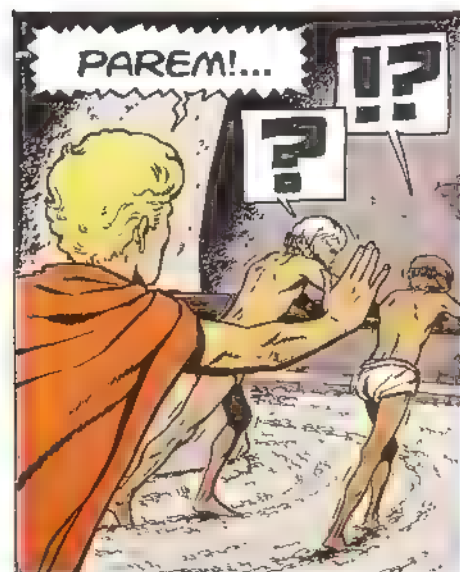
OH! ESTA AGORA!

O que é aquilo?...

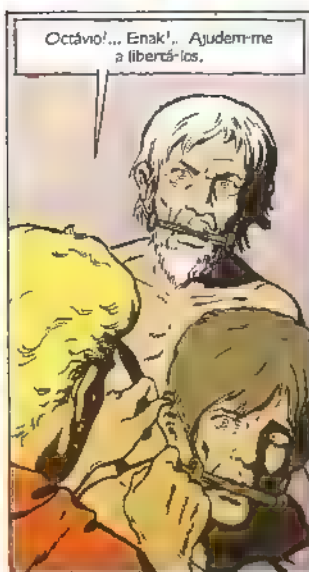
Oh, nada!...
É só um moinho...



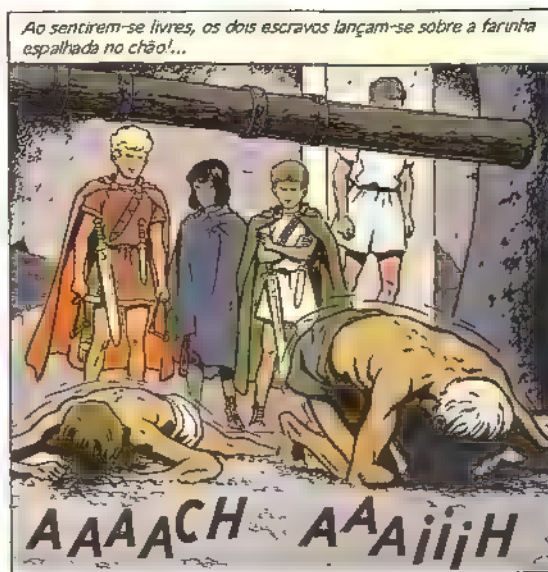
Aah!... São escravos que moem o trigo...
O pai e o filho... Uns preguiçosos!... Têm
muito trabalho abrasado. Nem os segui-
dores de Moloch-Baal lhes prestaram
atenção...



PAREM!...



Octávio!... Enak!... Ajudem-me
a libertá-los.



Ao sentirem-se livres, os dois escravos lançam-se sobre a farinha
espalhada no chão!...

AAAACH AAaiijH



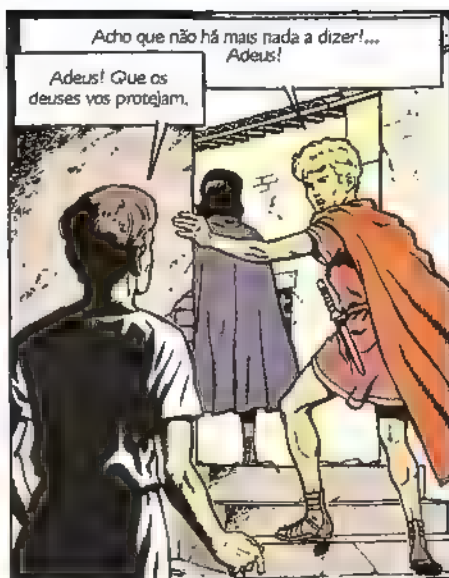
Mas eles estão a morrer de fome...

É que... Estavam acorrentados para não comerem muita farinha. Se engordassem, trabalhavam ainda menos.



Que vergonha!... Escandalizas-te com o mal que te fazem, mas não vês o mal que fazes aos outros.

Mas... Eles são escravos!



Acho que não há mais nada a dizer!... Adeus!

Adeus! Que os deuses vos protejam.



Pouco depois...

Que jovens estranhos!... Mas, livraram-nos de um grande pengo.

Com cem como eles, a República Romana salvava-se.

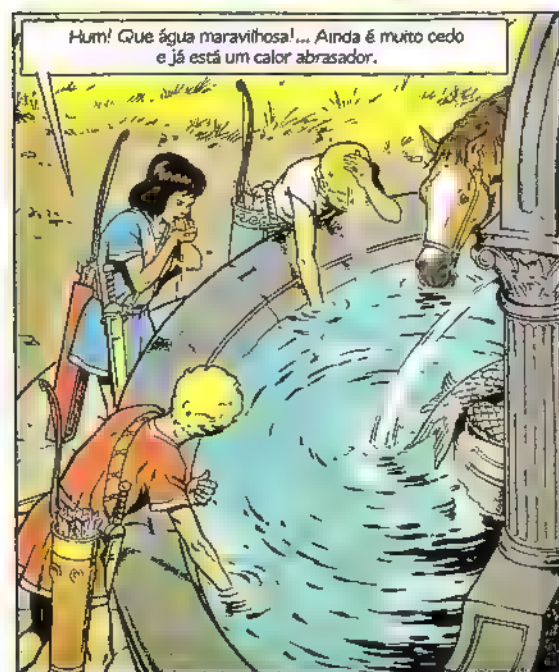


Oh! Não existem nem dez!... César e Pompeu disputam o poder e, entretanto, cada um defende apenas os seus interesses!... Tornámo-nos todos interesseiros e hipócritas; a velha Roma morreu!...



Na manhã seguinte, Alix, Enak e Octávio aproximam-se de Tárquini, que se avista ao longe.

Uma fonte!... Vamos refrescar-nos. Depois, almoçamos.



Hum! Que água maravilhosa!... Ainda é muito cedo e já está um calor abrasador.

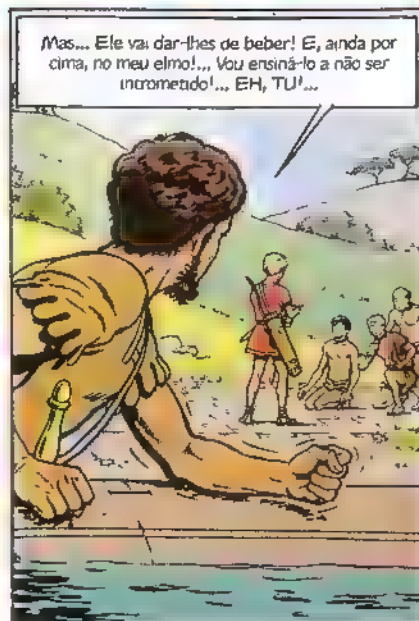
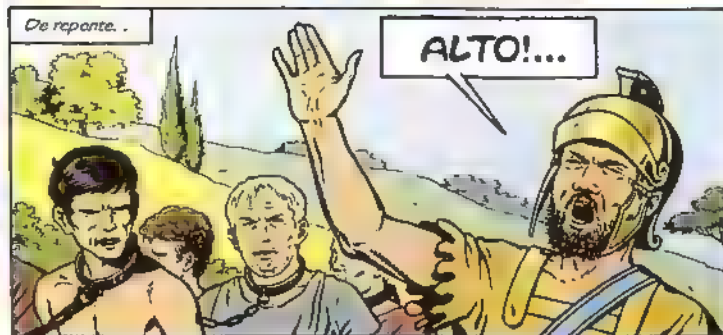


Chui!... Ouçam!... Ouve-se barulho na estrada! Vou ver.



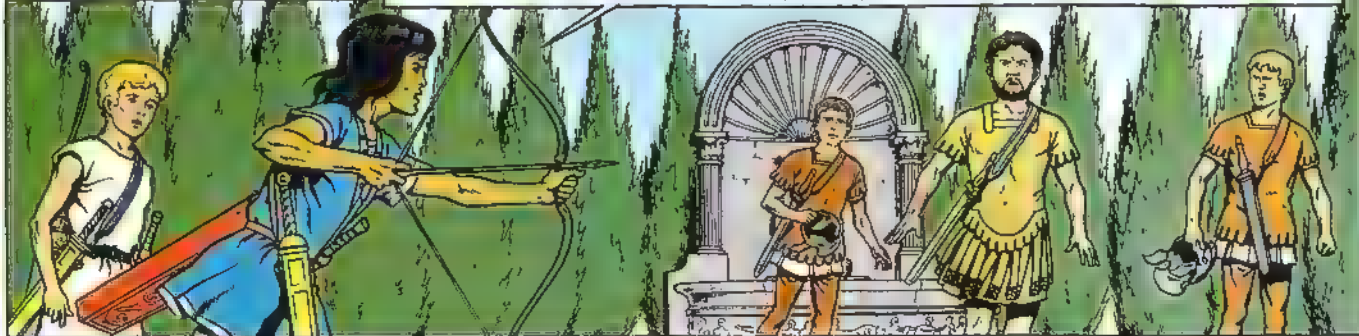
Anda, Enak!... Temos de comer. Não podemos perder tempo.

Uma coluna em marcha!... Parecem soldados!?... Não!... Esta agora?!?...

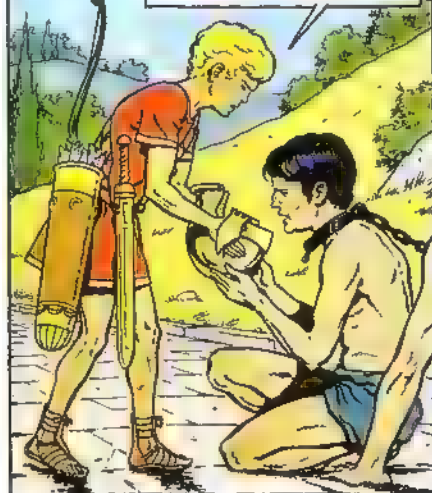


Mas Enak foi mais rápido.

NÃO SE MEXAM!... O primeiro que der um passo, é um homem morto!...



Tonia! Bebe... Depois, passa aos outros!...



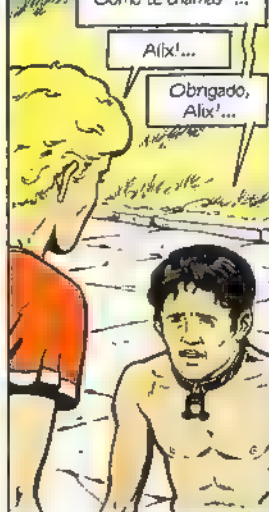
O homem bebe sufregamente, e...



Como te chamas?...

Alix!...

Obrigado, Alix!...



Pouco depois, Alix regressa com o elmo vazio.

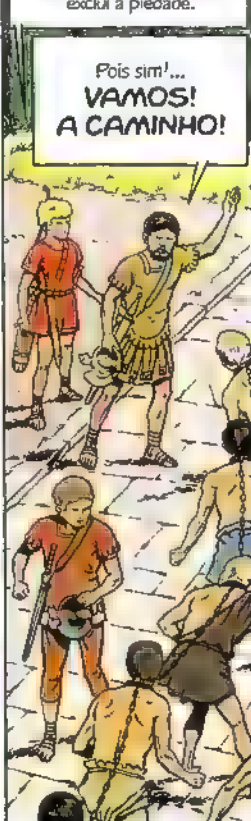


Toma!... Não te fez mal nenhum, e a eles também não! Além disso, ficaste com o elmo mais fresco.

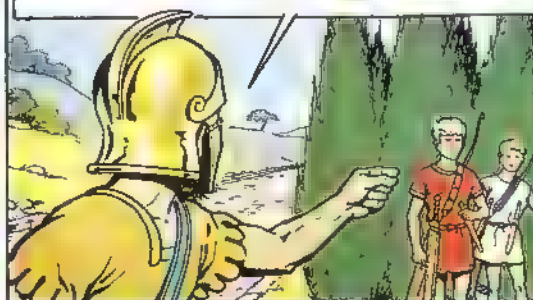


Mesmo assim, voltaria a fazê-lo... A justiça não exclui a piedade.

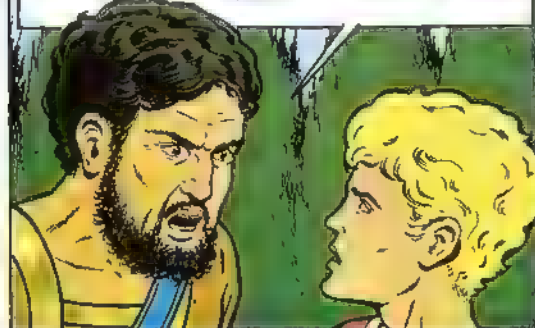
Pois sim!...
**VAMOS!
A CAMINHO!**



Quanto a ti, jovem moralista, fica sabendo que não me agrada escutar estes selvagens: cumprio apenas o meu dever!... Preferia conduzir um bando de feras. Seria bem melhor!... Saíve!

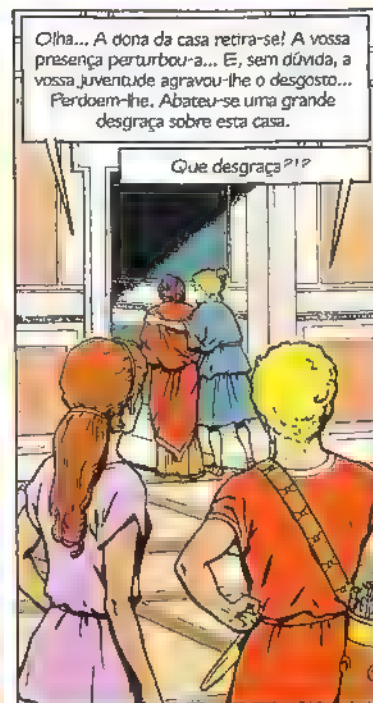
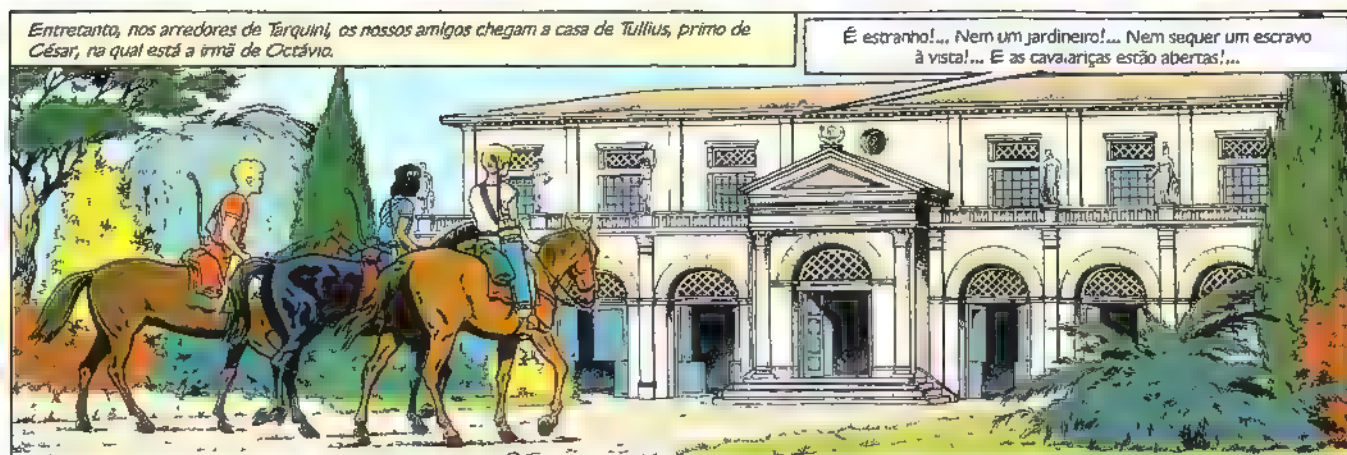
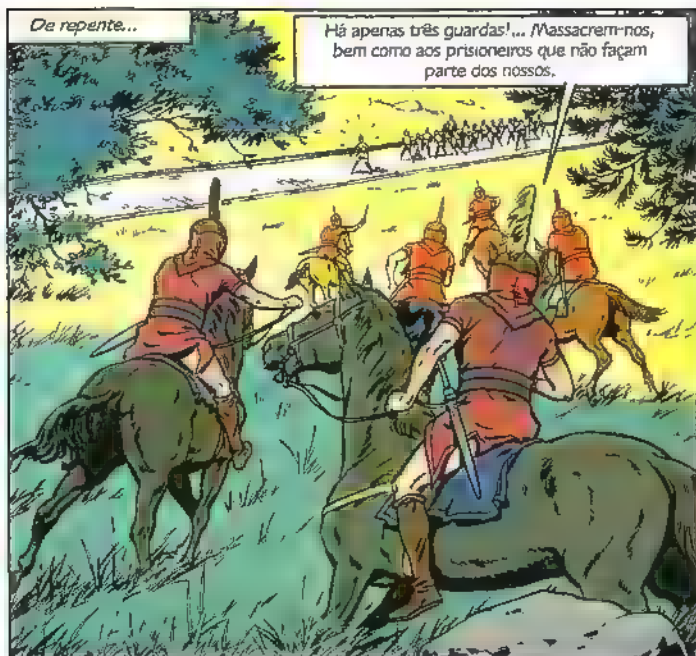


Basta!... Sabes a quem deste de beber? ... A um abominável criminoso! Um assassino de crianças! Um desses monstros que, à noite, as molam a um deus infernal... Orgulhas-te do que fizeste?...



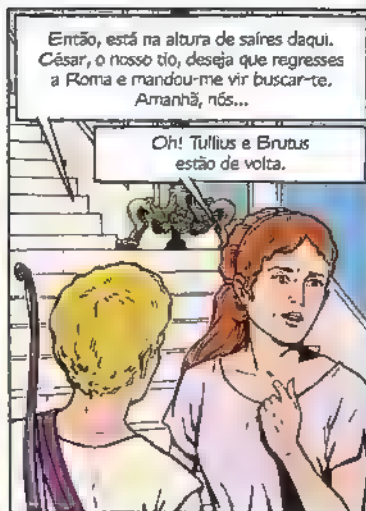
E enquanto Alix e os seus companheiros retomam a direcção de Tarquiní, a coluna de prisioneiros põe-se de novo a caminho sob o calor implacável... Mas, um pouco mais à frente...







Esta manhã, Claudius, o meu jovem primo, filho único de Tullius e Antônia, desapareceu... Receamos o pior!...



Então, está na altura de saíres daqui. César, o nosso tio, deseja que regresse a Roma e mandou-me vir buscar-te. Amanhã, nós...

Oh! Tullius e Brutus estão de volta.



Então, primo?

Nada, minha querida!... Nada!...



Apesar de tudo, não podemos desesperar... O meu irmão Octávio está aqui com dois amigos, Alix e Enak. Vieram buscar-me para regressar a Roma.

Bom dia, Octávio. Bom dia, Alix e Enak... Fazem bem em levar Lúcia: esta região está a tornar-se perigosa... Espero que a viagem de regresso corra tão bem como à vinda. Vão guardar as vossas armas. Eu e Brutus esperamos-los na biblioteca.



Quem é Brutus?...

Um amigo da família... Mas é a primeira vez que o vejo,



Minutos depois, os jovens vão ter com o dono da casa.

Entrem... Venham beber e comer alguma coisa.



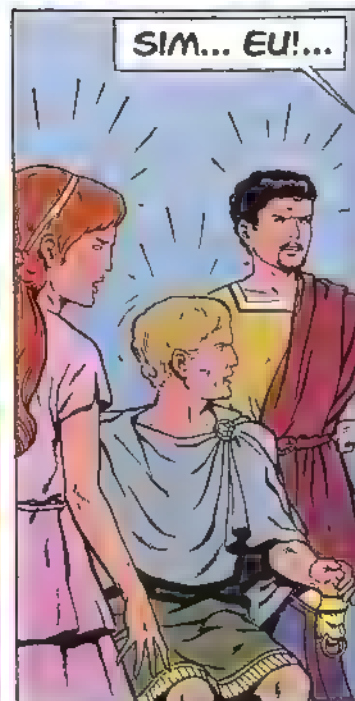
Que pesadelo! Nem sequer me atrevo a aproximar-me da minha mulher. Não consigo suportar o seu olhar angustiado.



Será que não percebem que foram os seguidores de Moloch que levaram Claudius?... O ouro não é solução. É preciso tirar-lhes a criança antes que a sacrifiquem ao seu deus infame... Ninguém tem coragem para lhes fazer frente?



Se os raptadores do meu filho querem ouro, que o digam! Que se manifestem!... Mas onde devo procurá-los?... Passámos a manhã a percorrer a cidade e os campos, em vão... Estou desesperado.



SIM... EU!...



A noite passada, enfrentei um bando desses seivagens. Posso voltar a combatê-los...

Oh! Obrigada, Alíx!... Se o fizeres, ficar-te-ei eternamente grata.



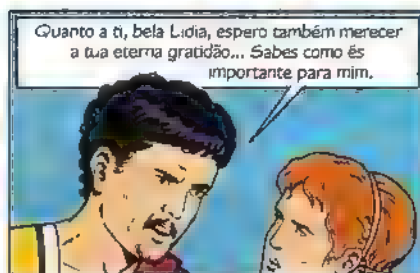
Ninguém repara no olhar fulminante de Brutus.



UM MOMENTO!... Não duvido da tua coragem, mas conheço melhor a região e os seus habitantes... Por isso, vou no teu lugar.



Lídia Octávia tem razão, Túllius. É preciso tirar o teu filho das garras dos seguidores de Moloch... Como é que não nos lembrámos disso?... Fica descansado. Trá-lo-ei de volta!



Quanto a ti, bela Lídia, espero também merecer a tua eterna gratidão... Sabes como és importante para mim.



Se trouxeres a criança, merecerás essa gratidão, Brutus.



Vou-me embora!... Logo à noite, trarei o teu filho, Túllius... Ou não voltarás a ver-me. Juro!



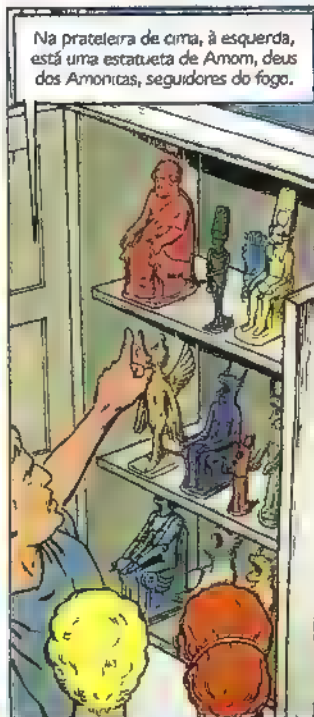
Ele está muito seguro de si...

Confio nele plenamente. De certeza que vai conseguir!

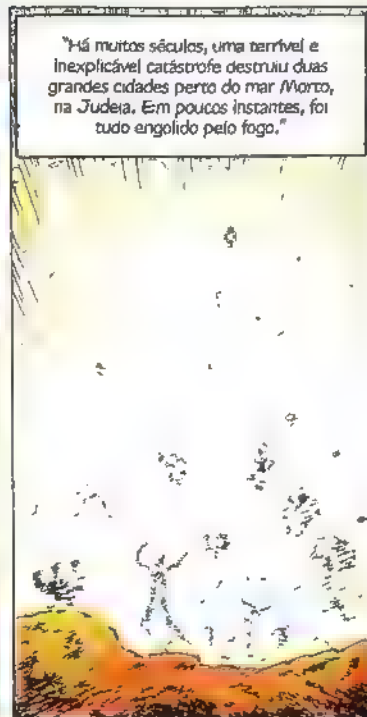
Mas, afinal, quem são esses homens?... Como é que o culto de Moloch-Baal chegou até aqui?...



Há muitos anos, quando fui governador da Síria, apaixonei-me pelo estudo dos povos orientais. Assim, conheci as suas religiões... Moloch-Baal é uma divindade da Judeia... Venham! Vou explicar-vos.



Na prateleira de cima, à esquerda, está uma estatuetta de Amom, deus dos Amonitas, seguidores do fogo.



"Há muitos séculos, uma terrível e inexplicável catástrofe destruiu duas grandes cidades perto do mar Morto, na Judeia. Em poucos instantes, foi tudo engolido pelo fogo."

"Tudo e todos! Excepto um homem, Lot e as suas duas filhas... Os filhos dessas raparigas, Ben-Ami e Moabe, fundaram uma cidade, na Arábia, na qual, certamente inspirados pelo fim dos seus antepassados, criaram uma religião dedicada ao culto do fogo."



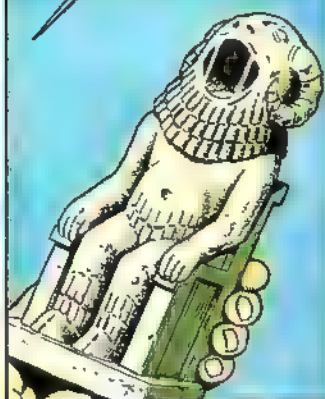
"Os Amonitas e os Moabitas mantinham fogueiras sempre acesas na sua capital, Rabá-Amom, em honra dos seus deuses, Amom e Moloch, aos quais sacrificavam crianças."



"Mais tarde, este culto chegou à Palestina. Foi adoptado pelo rei Salomão, e os seus sucessores, Acaz e Manassés, tiveram a crueldade de oferecer os seus filhos a Moloch."



Este, com cabeça de carneiro, é o Moloch dos Judeus.



E este, também com cabeça de carneiro, é o deus Amom dos Egípcios. O culto de Amom-Moloch for-se espalhando.



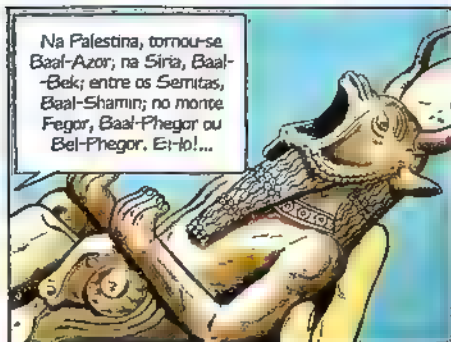
Não se sabe se os Egípcios fizeram sacrifícios humanos a este deus. Mas, entre os Cananeus, os Arameus e os Fenícios, Moloch deu origem a grandes massacres, passando a chamar-se Baal ou Bel.



Este é o Baal-Moloch dos Fenícios. Repararam: a cabeça de carneiro transformou-se em cabeça de touro. Cada cidade ou lugar tinha o seu próprio Baal, ou Bel-Moloch.



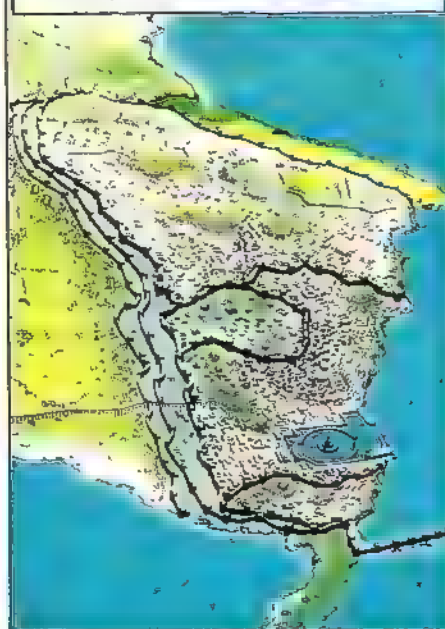
Na Palestina, tornou-se Baal-Azor; na Síria, Baal-Bek; entre os Semitas, Baal-Shamin; no monte Fegor, Baal-Phegor ou Bel-Phegor. Eito!...



Mas o mais terrível foi o Moloch-Baal de Cartago. Olhem. É horrível, com asas do estilo assírio ou persa. Mesmo assim, Cartago, uma colónia fenícia, adorava este deus infernal.



"Pouco depois da Primeira Guerra Púnica, os mercenários contratados pelos Cartagineses, não recebendo o soldo, revoltaram-se e cercaram Cartago, defendida por uma linha de três muralhas."



"Ao fim de dois anos de luta, mais de 300 000 mercenários atacaram as fortificações e, após violentos combates, conquistaram a primeira linha! Mas apesar dos esforços, não conseguiram avançar!..."



"Sem navios para bloquear o porto e obrigar à rendição de Cartago pela fome, os líderes da revolta, Matho e Spendius, mandaram destruir o aqueduto que levava a água à cidade sitiada."



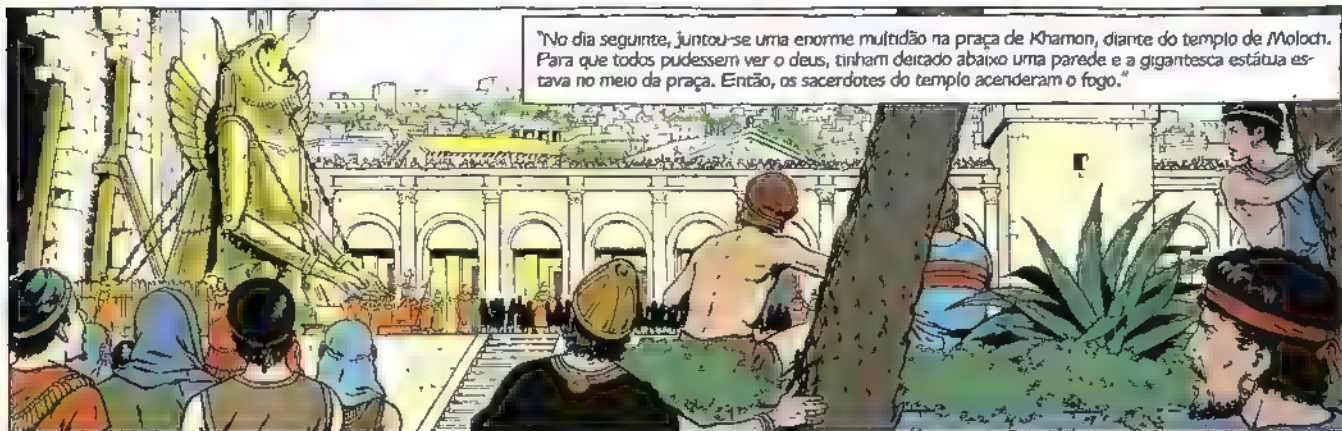
"A alta cidade ficou numa situação dramática. Em vez de pagar o soldo aos mercenários, o Conselho de Anciãos tomou uma terrível decisão."



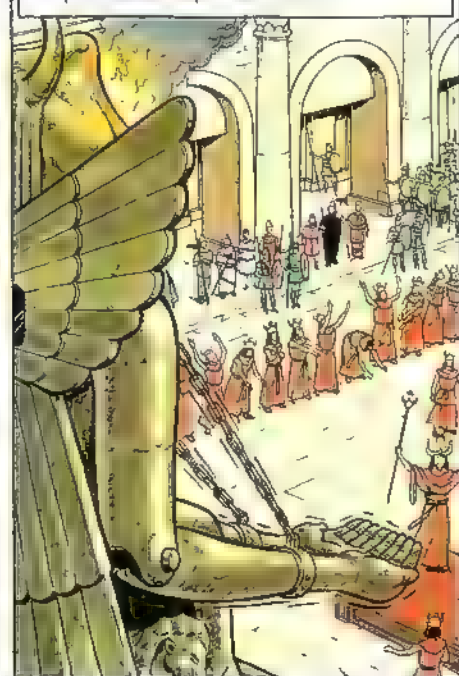
"Cada família cartaginesa entregaria uma criança em idade de ser sacrificada! Na manhã seguinte, como o tempo escasseava, os sacerdotes de Moloch desceram de Mégara, a cidade alta, e iniciaram a sinistral recolha. Antes do meio-dia, tinham reunido mais de 400 crianças, sem que ninguém ousasse queixar-se."



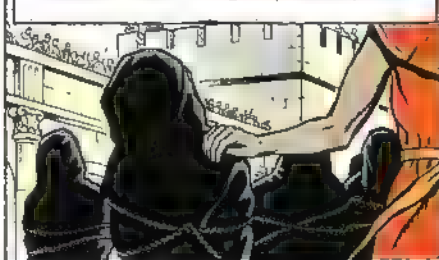
"No dia seguinte, juntou-se uma enorme multidão na praça de Khamon, diante do templo de Moloch. Para que todos pudessem ver o deus, tinham deixado abaixo uma parede e a gigantesca estátua estava no meio da praça. Então, os sacerdotes do templo acenderam o fogo."



"Depois dos habituais rituais e cânticos e ao sinal do grande pontífice, os braços do ídolo baixaram-se para receber as primeiras vítimas."



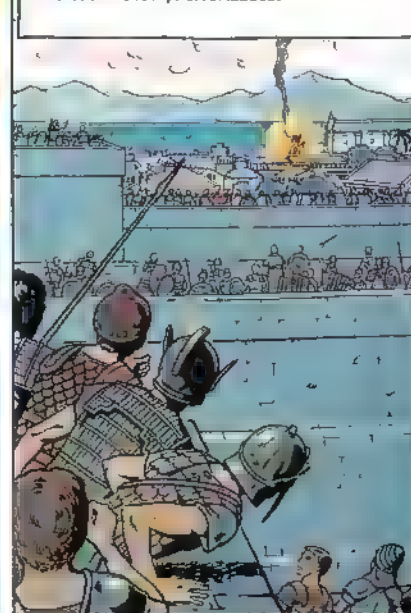
"De imediato, a mão do carrasco fez avançar as crianças, uma a uma. Estavam todas cobertas com um véu negro, para que ninguém as reconhecesse. Nenhum cartaginês podia fraquejar!"



"Movidos por correntes, os enormes braços enguliram-se, e os primeiros sacrificados foram engolidos pelo brasero..."



"Isto durou horas!... À volta do deus incandescente, o calor era abrasador, e o fumo escurecia o céu. Os Cartagineses gritavam invocações a Moloch, enquanto ao longe, na primeira linha de muralhas, os mercenários observavam, horrorizados."



"Quando anoiteceu, o gigante de bronze estava cheio. Incandescência até aos joelhos, parecia vacilar com o peso de uma monstruosa embriaguez... Mas, movida pela excitação, a multidão queria oferecer-lhe mais vítimas... Não havendo mais crianças, começaram a matar-se uns aos outros."



"Por fim, rebentou uma forte tempestade e, durante toda a noite, choveu em catadupas. Satisfeitos com o horror, os Cartagineses deixaram que a água morna os ensopasse, enquanto as cisternas enchiam."

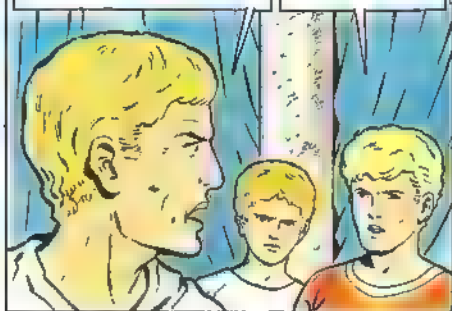


"Na manhã seguinte, os mercenários mal conseguiram andar no lamaçal do acampamento. Depressa levantaram o cerco. Cartago estava salva!"

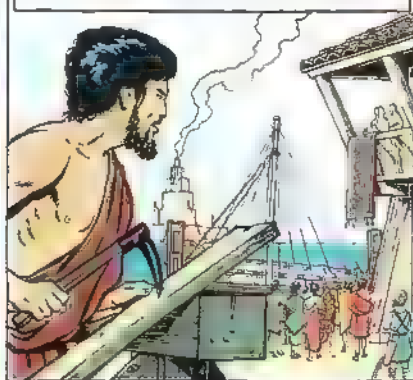


Sábios gregos explicaram o fenómeno físico dessa chuva providencial. Mas, na época, este acontecimento marcou muito a imaginação das pessoas.

Então, foi pela mão dos exércitos cartagineses que invadiram a Itália que o culto de Moloch cá chegou?...



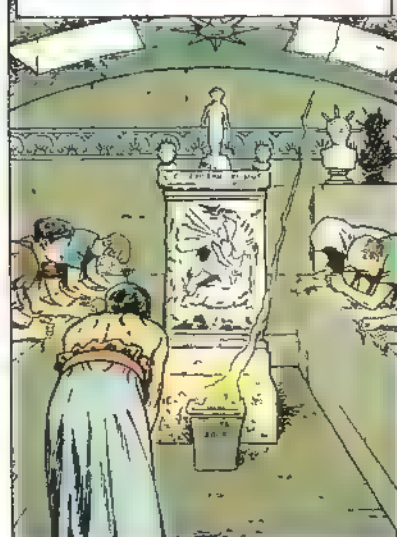
"Não! Os Etruscos tinham relações comerciais com os Fenícios, principalmente com os Cartagineses. Foram os mercadores que trouxeram para a Etrúria os cultos de Amom e Moloch."



"Foi necessária a influência romana para acabar com os sacrifícios de crianças a Moloch. Aiás, este humanizou-se com o nome de Tínia, depois Tínia-Júpiter, tornando-se por fim o nosso grande Júpiter."



"Uma das maiores virtudes dos Romanos está em aceitarem as religiões e crenças dos outros povos, mas nunca tentarem impor as suas. Em Roma, existem templos dedicados a Isis, a Jeová e até a Mitra, o deus único que pretende substituir todos os outros."

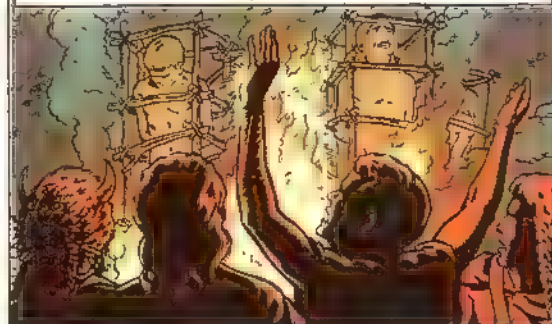


Sem dúvida! Mas à custa de muitas mortes.

Sim. Até agora, a História da Humanidade tem sido uma sucessão de massacres.



"Quando César chegou à Gália, os sacrifícios humanos eram frequentes... Foi dos poucos costumes dessa região a que ele pôs fim."



De repente...

Senhor!... Senhor!...

SIM!... É Claudius que regressa!...

Não!... Olha!...





Senhor, trago-te um soldado ferido...
Arrastou-se pelo jardim, até à porta.



Mas... É o chefe da coluna
de prisioneiros!...

Que te aconteceu?...



Ah! Os rapazes da fonte!...
Escaparam de boa... Os segui-
dores de Moloch!... Ah! Cães!...
Atacaram-nos... e... Eeeeh!...



Desmaiou!... Depressa! Tratem dele.
Podes fazê-lo, Lúdia?...

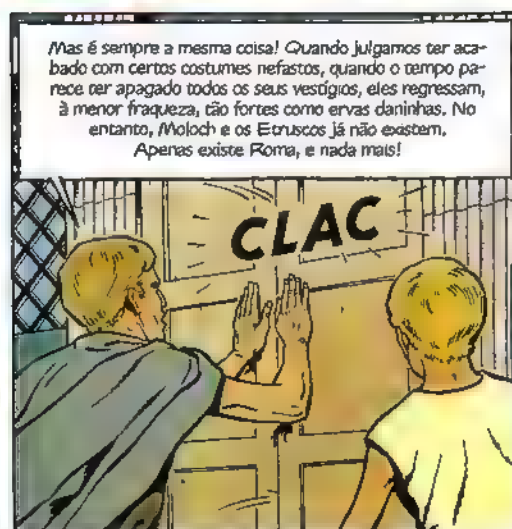
Com certeza.



Alix e Octávio, pego-lhes que fiquem contigo!



Desculpem, mas não suporto estar sozinho!... Esta espera é horrível! Porque é que Brutus
não regressa? Será que voltarei a ver o meu filho? ... Ah! Os seguidores de Moloch!... Esses
loucos que querem repor esse culto infame e a monarquia etrusca!... Tudo isso pertence ao
passado! Acabou-se. No entanto, os Romanos foram magnânimos para com esse povo:
os nossos primeiros reis, os Tárquinos, eram etruscos!...



Mas é sempre a mesma coisa! Quando julgamos ter aca-
bado com certos costumes nefastos, quando o tempo pa-
rece ter apagado todos os seus vestígios, eles regressam,
à menor fraqueza, tão fortes como ervas daninhas. No
entanto, Moloch e os Etruscos já não existem.
Apenas existe Roma, e nada mais!

CLAC



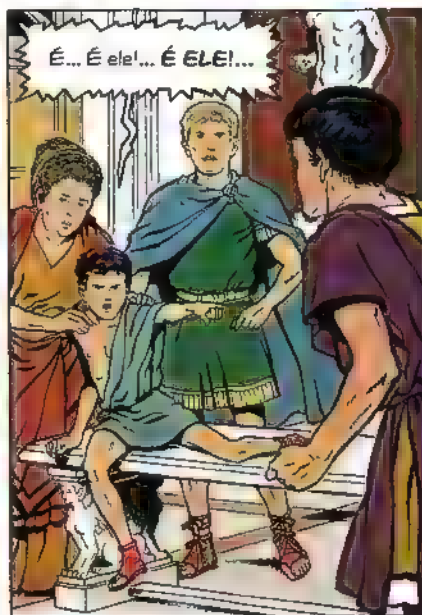
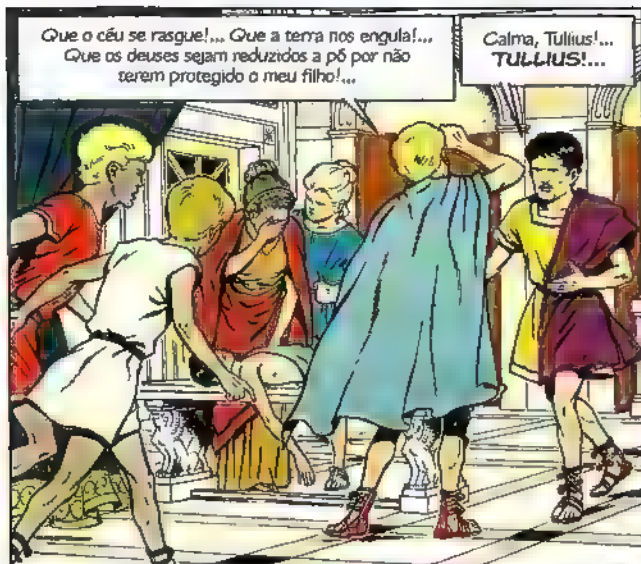
De repente...

AAAAAH!...

A voz de Antônia, a minha mulher!...
Pronto!... Já calculava!...



Mataram-no... Aqueles chacais
mataram-no!... O meu Claudius!...
O meu filho!...







Eh! Estão muito agitadas! .. Lutam umas com as outras! Ih! Ih! Olhem!...



Senhor!... **SENHOR!**... Estão ali uns jovens... Um deles diz ser sobrinho de César... Quer fazer-te um pedido importante.

Um sobrinho de César!... Oh!...



Dexem-me, meus amigos... Preciso de conversar com estes jovens...

Qual de vós é o sobrinho de César?

Sou eu, Caius Octavius, Átia, a minha mãe, é filha de Júlia, irmã de César.



E que posso eu fazer pelo sobrinho de tão nobre romano?...



Que me pedes!?!... Meu pobre rapaz, nem sequer tenho soldados suficientes para manter a ordem na cidade. Roma ignora os meus pedidos de reforço de fundos e soldados...



No entanto, vimos na cidade muitos soldados a afixarem anúncios de uma grande corrida de quadrigas.

Isso, meu amigo, é para acalmar os ânimos. Enquanto estiver entredida com espectáculos, a população não pensará em revoltar-se... É uma medida política!...



Ao virmos para Tarquini, tivemos problemas com os seguidores de Moloch... Por isso, queríamos pedir-te uma escolta para o nosso regresso.



A política é a arte de atingir certos fins sem que as pessoas se apercebam disso! Eh! Eh!... É preciso alguma subtilidade e muita hipocrisia... Por exemplo...

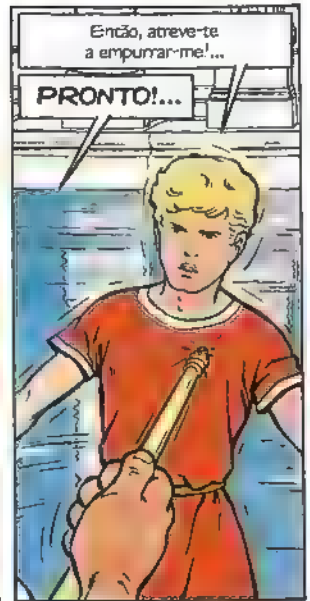


Neste momento, empurro-te suavemente com a minha vara, distraindo-te dos meus propósitos... e, se te fizer dar mais um passo para trás, cairás na piscina infestada de moreias esfomeadas, que te devorarão num ápice.



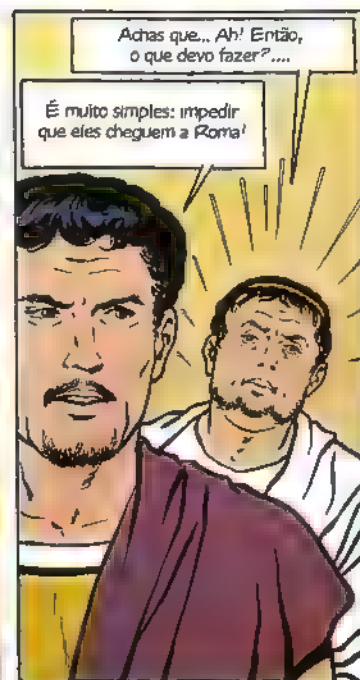
Como explicarias o meu desaparecimento?...

Um acidente! Um gesto infeliz no calor de uma discussão!...



Então, atreve-te a empurrar-me!...

PRONTO!...





Mas como? ..

Eu trato disso... Durante 48 horas, vais reter os teus soldados aqui, em Tárquini... Entretanto, eu aviso os seguidores de Moloch, que se encarregarão de interceptar esses rapazes e de os imolar.



Eh! És um homem expedito, Brutus!... Negócio fechado! Garanto-te que os meus soldados não sairão da cidade! Depois, faremos um inquérito... que será infrutífero... como calculas... Eh! Eh!...

Calculo, Políon! Até logo.

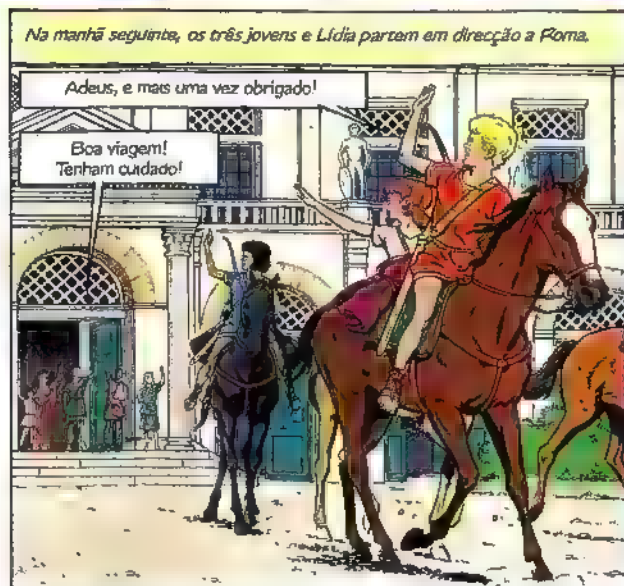


Por enquanto, este abominável pote de banha é-me útil. Mas quando atingir os meus objectivos, acabo com ele!



Brutus salvou-me de uma situação difícil. No entanto, é perigoso... Para a próxima, empurro-o para a piscina das moreias.

Ah, meus amigos... Finalmente, encontro-vos. Andava à vossa procura.



Na manhã seguinte, os três jovens e Lídia partem em direcção a Roma.

Adeus, e mais uma vez obrigado!

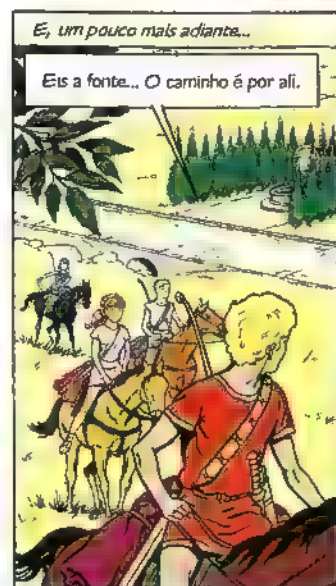
Boa viagem! Tenham cuidado!



Quando penso nos perigos que correm, sinto um aperto no coração.

Se eu estivesse bem, acompanhá-los-ia.

Impossível, Lucius. Tens de regressar à tua caserna... Vamos para dentro.



E, um pouco mais adiante...

Eis a fonte... O caminho é por ali.

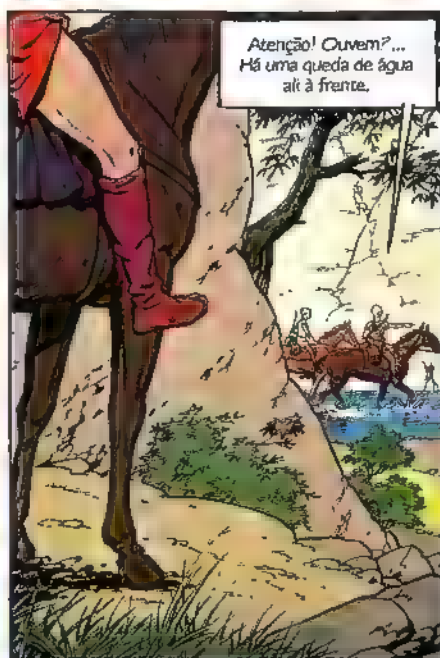


Pensando bem, talvez não seja prudente irmos por onde viemos. Vamos para o litoral. Este rio vai levar-nos até lá.



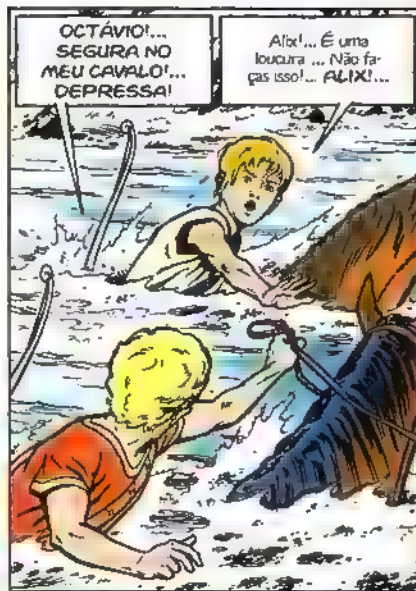
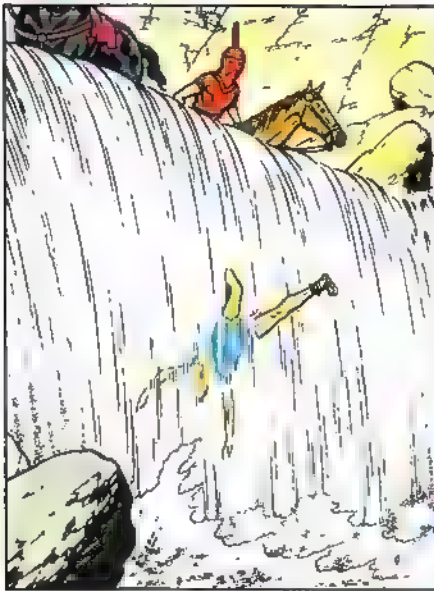
O vale estreita-se... Este sítio é perigoso!... Não me agrada nada...

Tens razão. Vamos acelerar o passo.



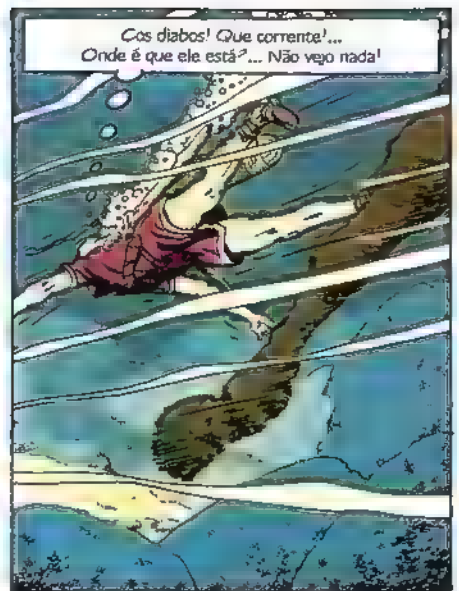
Atenção! Ouvem?... Há uma queda de água ali à frente.



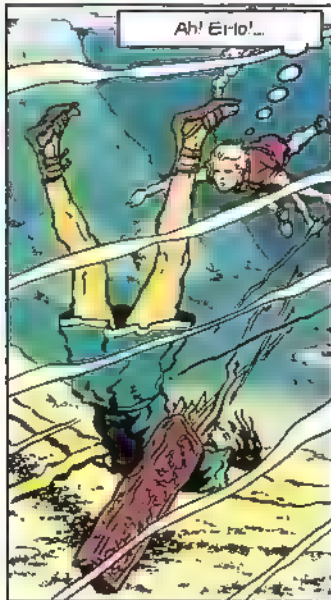


OCTÁVIO!...
SEGURA NO
MEU CAVALO!...
DEPRESSA!

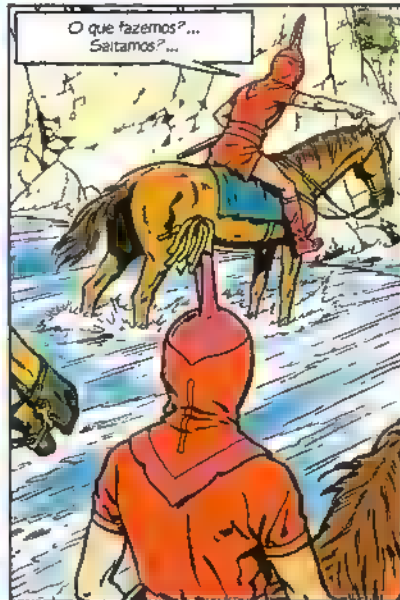
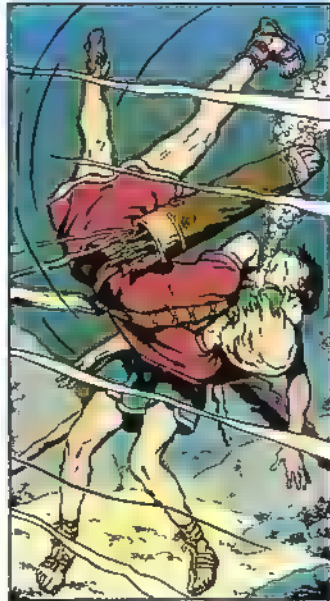
Alix!... É uma
loucura... Não fa-
gas isso!... ALIX!...



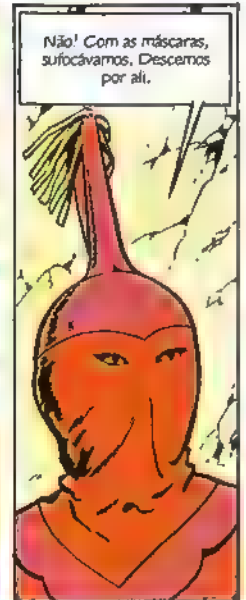
Cos diabos! Que corrente!...
Onde é que ele está?... Não vejo nada!



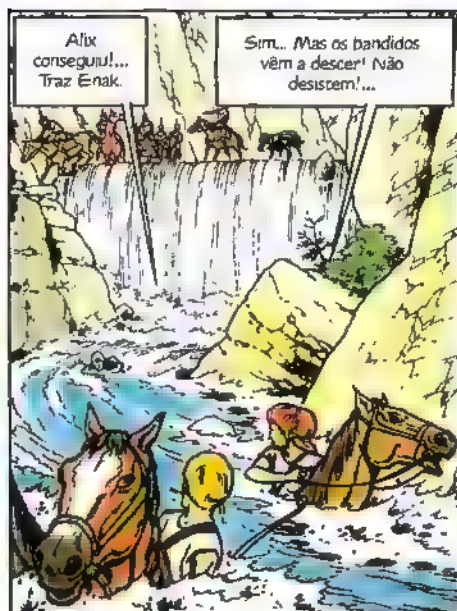
Ah! Ei-lo!...



O que fazemos?...
Saltamos?...
Saltamos?...
Saltamos?...



Não! Com as máscaras,
sufocávamos. Descemos
por ali.



Alix
conseguiu!...
Traz Enak.

Sim... Mas os bandidos
vêm a descer! Não
desistem!...



Pouco depois...

Espera, Alix...
Vou ajudar-te...

Ele respira?...
Não!...



Enak?... Enak?...
ENAK! NÃO!

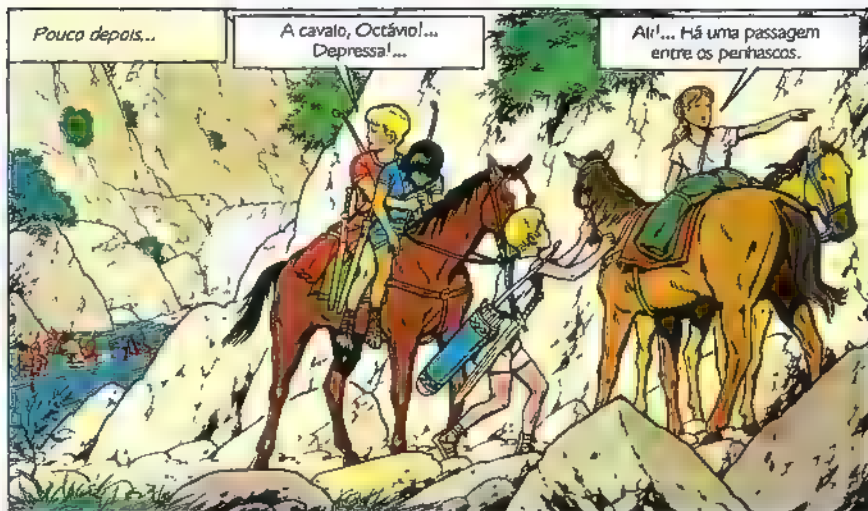
VÊM AÍ OS
BANDIDOS!...



Ah! Está a respirar...

Olha, Alix!...
Eles vêm aí!...

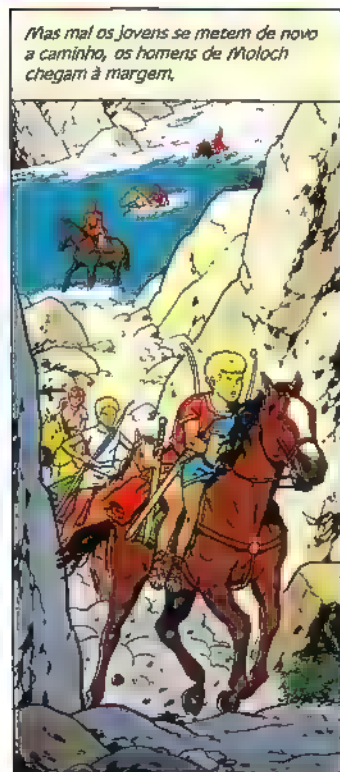
Ajudem-me a pô-lo
em cima do cavalo!



Pouco depois...

A cavalo, Octávio!...
Depressa!...

Ali!... Há uma passagem
entre os penhascos.



Mas mal os jovens se metem de novo
a caminho, os homens de Moloch
chegam à margem,

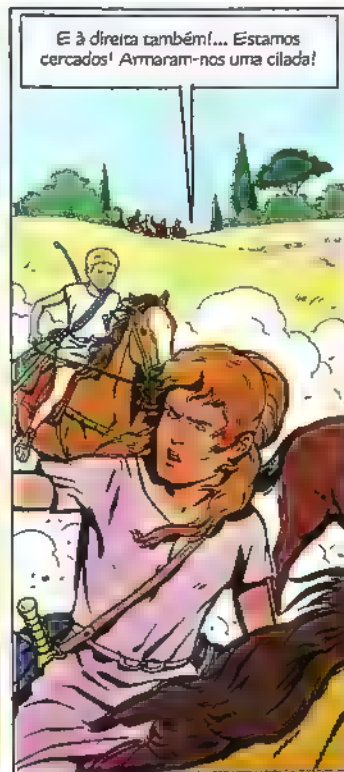


Perderam um cavalo.
Vamos apanhá-los rapidamente.



Mas, mais adiante...

Olhem! Ali à esquerda,
outro grupo de homens
de Moloch!...



E à direita também!... Estamos
cercados! Amarram-nos uma cilada!

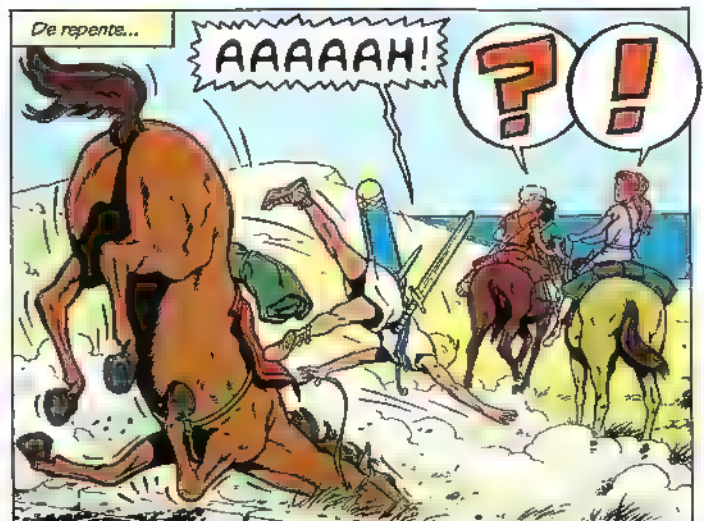
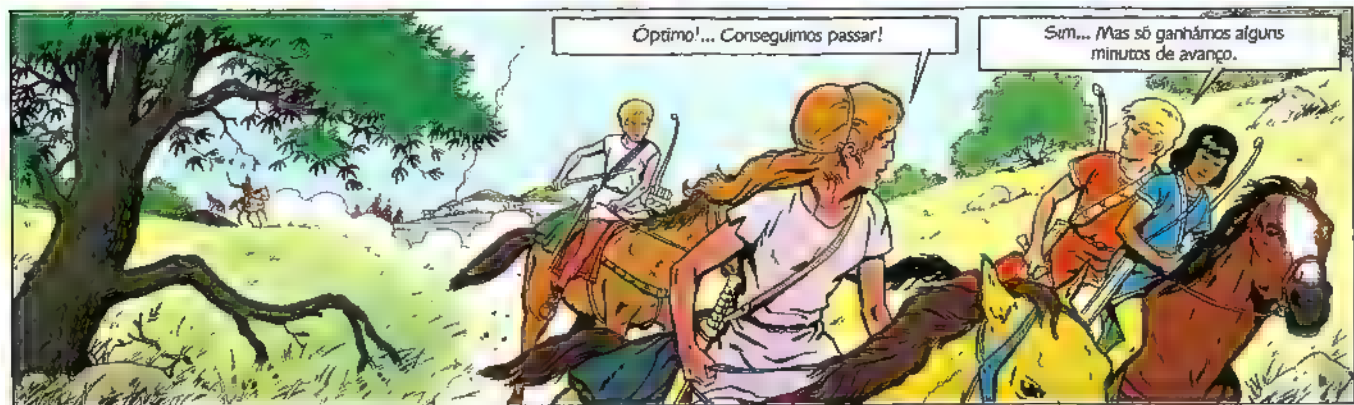
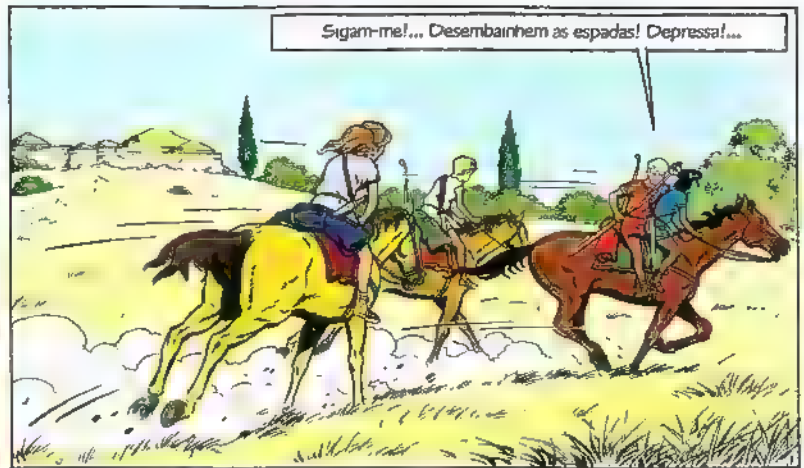


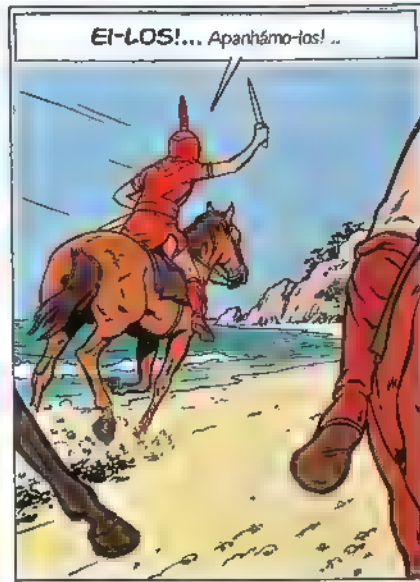
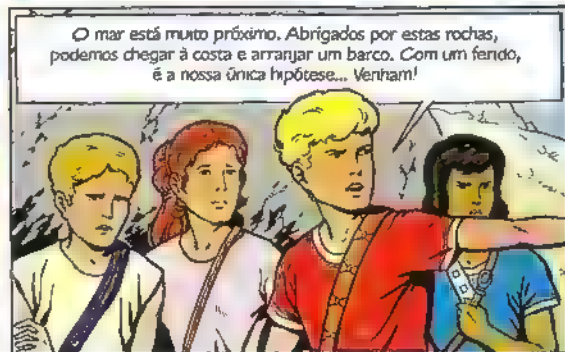
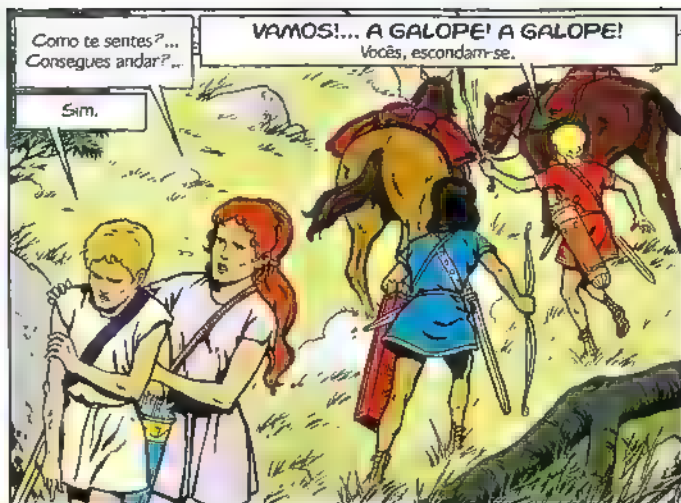
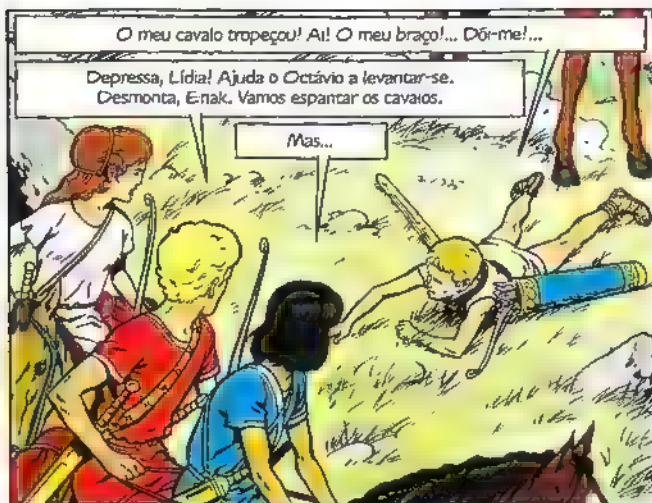
De facto, os nossos amigos estão rodeados pelos sinistros
cavaleiros que apertam o cerco.

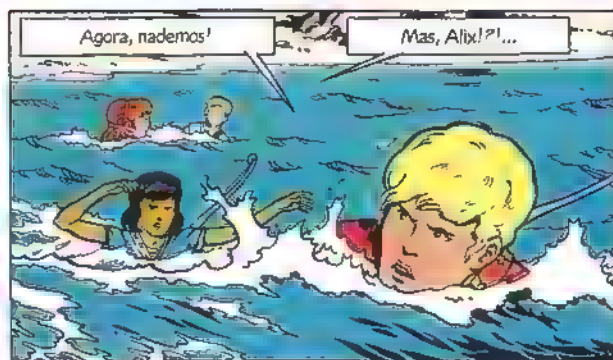
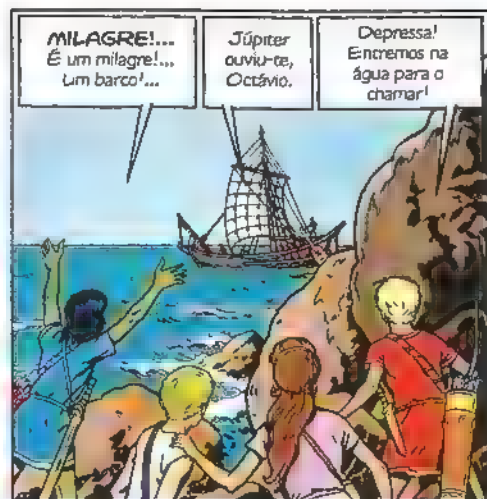


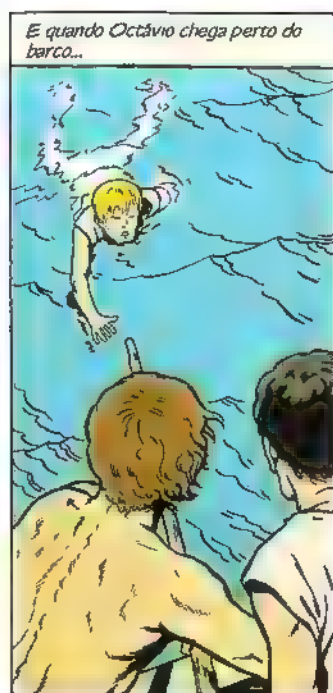
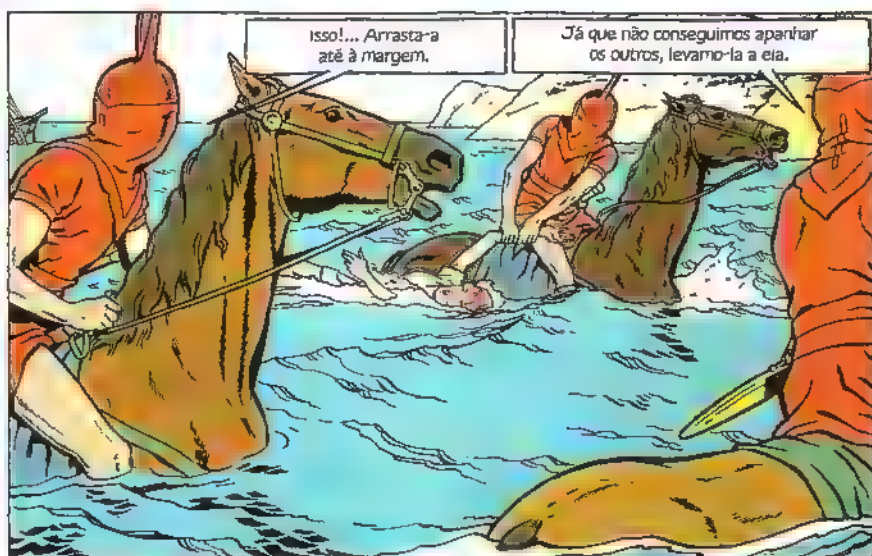
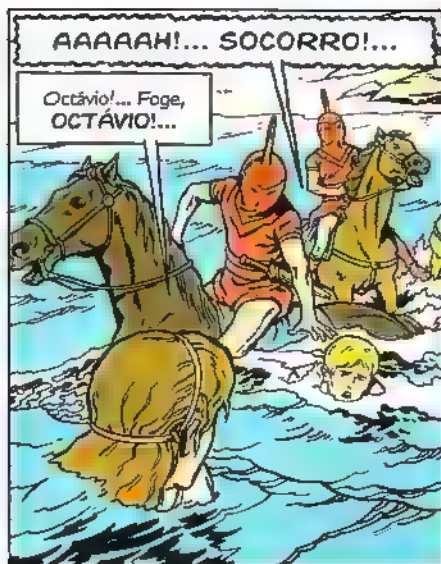
Querem empurrar-nos
para aquele mausoléu!...

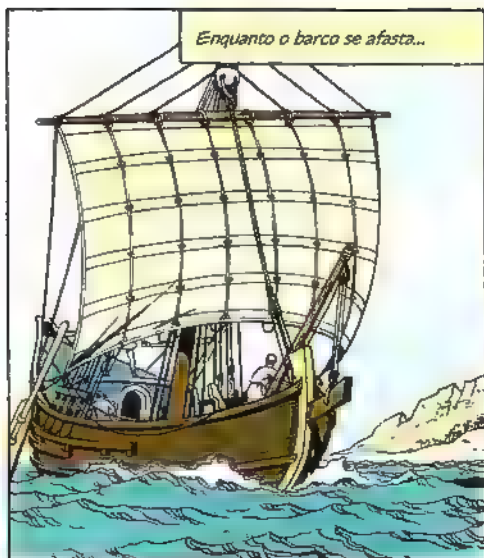
Os bandidos perseguem-nos.
O que fazemos, Alix?...







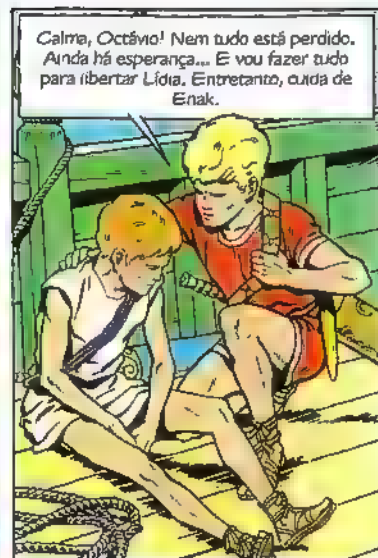




Enquanto o barco se afasta...



...os homens de Moloch partem com a sua prisioneira.



Calma, Octávio! Nem tudo está perdido. Ainda há esperança... E vou fazer tudo para libertar Lúcia. Entretanto, cuida de Enak.



Toma. Fica com a minha espada e a minha aljava. Basta-me o punhal... Esconde-as. Vou aproveitar a distração da tripulação para saltar para o mar.

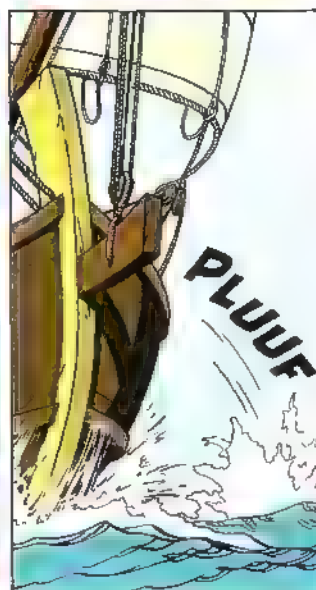


Adeus, Octávio... Despede-te de Enak por mim e explica-lhe porque me fui embora.

Obrigado, Alix, e que os deuses te acompanhem.



EH!...



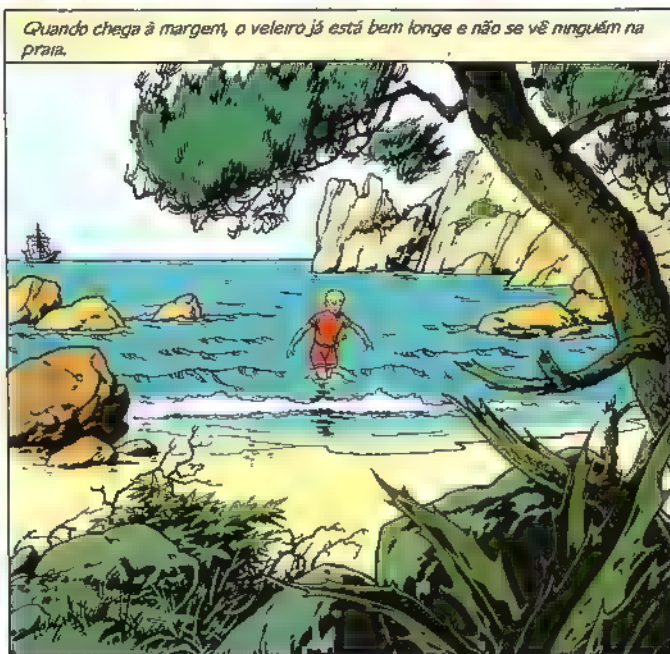
PLUUF



Deslizando debaixo de água durante algum tempo...



...Alix volta à superfície longe do barco, nadando energeticamente para terra.

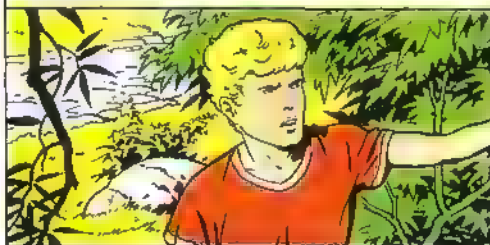


Quando chega à margem, o veleiro já está bem longe e não se vê ninguém na praia.

Rastos de cavalos... Foram por ali...

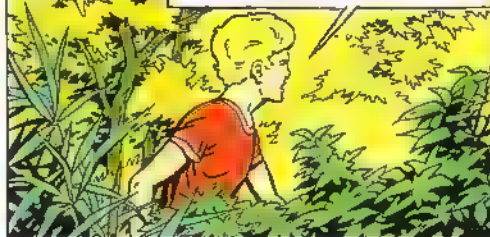


Alix continua a caminhar... Perde o rasto, mas volta a encontrá-lo.



De repente...

Fumo no horizonte!...
Vamos ver melhor.



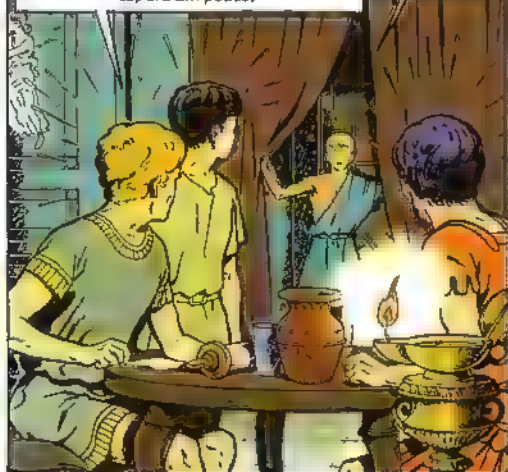
A necrópole!... Os homens de Moloch
queriam levar-nos para lá: deve ser a sua
base!... Ir lá agora seria suicídio. É melhor
esperar que anorteça.



É à noite, em casa
de Tullius.

Senhor... Brutus Tarquinius
deseja vê-lo.

Brutus?!... Ah!... Diz-lhe que
espere um pouco.



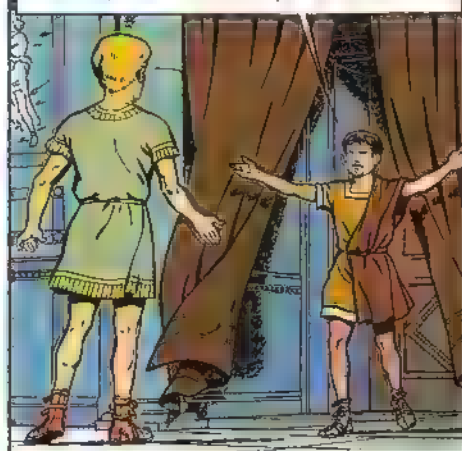
Lucius, é preferível que não se saiba
da tua presença em minha casa... Vai
com o meu filho para a outra sala.

Tens razão, Tullius. Mas se
precisares de ajuda, conta
comigo.



E, pouco depois...

Tullius!... Estava ansioso por vê-los, a ti e à tua
encantadora prima, a bela Lídia. Reservei-te um
lugar de luxo para a próxima corrida de carros,
na qual defenderei a cor que ela escolher.



É inútil, Brutus. Achei melhor deixá-la
regressar a Roma com o irmão e Alix...
O seu tutor, Caius César, quer que
ela voltasse. É um desejo de César é
uma ordem.



O QUÊ?!... Deixaste-a
partir com aqueles jovens
aventureiros!... Mas...
Enlouqueceste!...

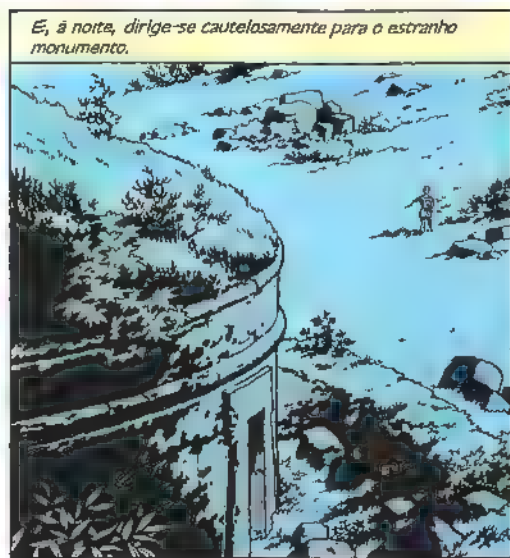
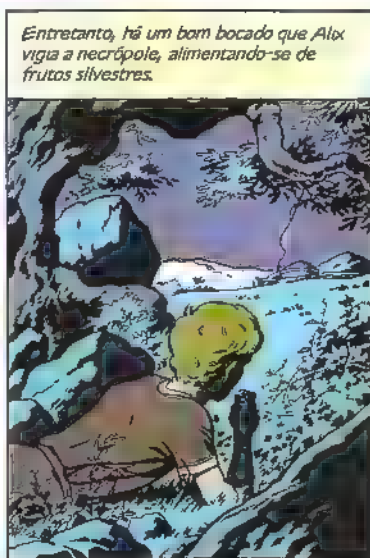
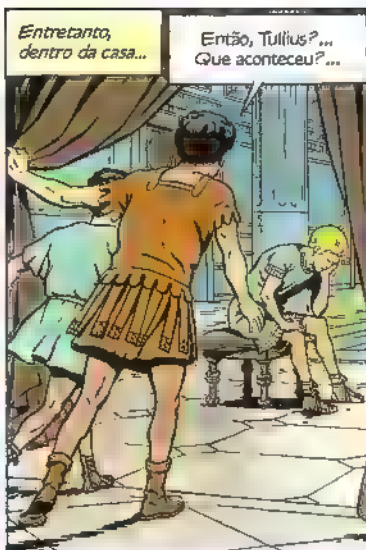


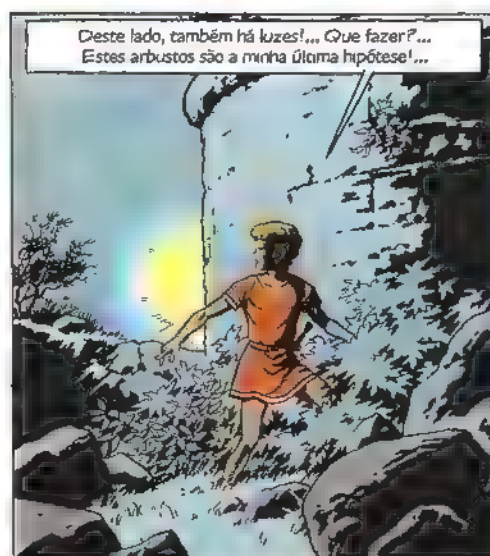
Raios!... Pedi-te que a
mantivesses aqui, aconte-
cesse o que acontecesse!...
E agora, ei-la a caminho,
sujeita a todos os per-
igos!... É assim que me
agradeces por ter salvo
o teu filho!...

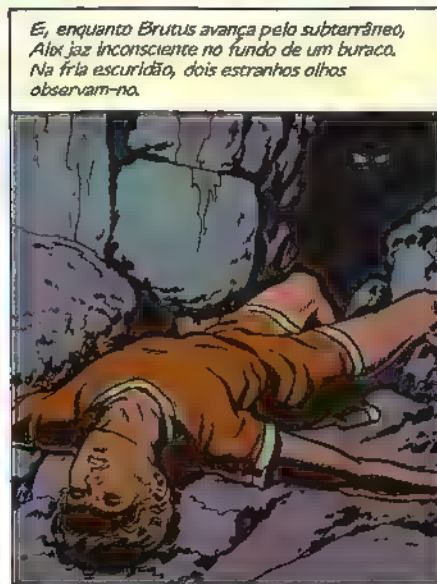
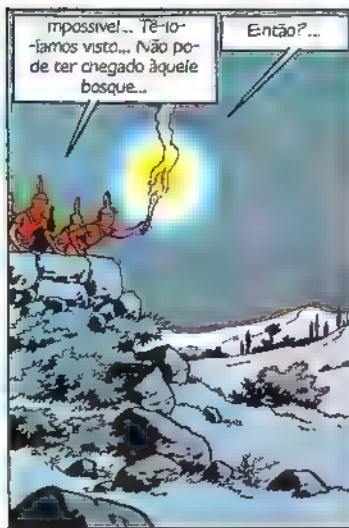


Não tenho tempo para dar mais explicações, pois
como a protegê-la... Mas fica sabendo, Tullius,
que te considero responsável pelo seu destino e
que responderás com a tua vida e a dos teus...
ADEUS!...













LÍDIA!...

Brutus!...
Aaaaah!...



Levem-na para minha casa e tratem-na
com todos os cuidados.



SACRILÉGIO!...
SACRILÉGIO!...

CALA-TE, LOUCO!...
Sacerdotes, apaguem
a fogueira e retirem-se.



Uma vez sós, os dois homens olham-se
fixamente.

Porque provocaste tal escândalo?... Isto
pode semear graves dúvidas no espírito
dos nossos fiéis!...

Não tive alternativa. Voltei precipi-
tadamente para salvar Lídia, foi ela
que escolhi para ser rainha dos
Etruscos.



Não sabia quem era esta jovem.
Os nossos homens trouxeram-na
para aqui, depois de terem perse-
guido um grupo de cavaleiros que
querias eliminar.

Os outros sim, mas
ela não!... Eu nem
sequer sabia que ela
partiria com eles.



Podias ter-me sussurrado que suspen-
desse o sacrifício. Eu teria arranjado
uma solução...

Se cometi um erro interrom-
pendo bruscamente a cerimô-
nia, tu fizeste ainda pior, mos-
trando-te ultrajado... Mas
basta! Lembra-te de que
ninguém aqui pode contes-
tar as minhas decisões.



Vais pagar por isto, Brutus!



Entretanto, no fosso...

Eie quer que eu suba...
Mas não vejo como...
Quem sabe?...



Está bem... Tem
calma... Estou a
caminho.



E, pouco depois...

Esta agora!... Um túnel!... Era
impossível vê-lo lá de baixo!...
Mas onde se meteu o gato?...



Aíx rasteja e...

Uma grade!...
Estou perdido!...





...que amanhã... no mato... talvez pudesse...

Falam mais alto!...
As vozes vêm deste túmulo!



Outra chaminé!... Mas esta
está bem escondida! Que
interessante!



Entretanto...

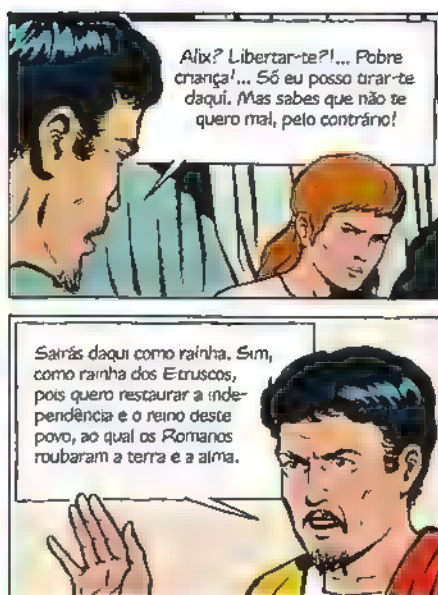
Sim, senhor. Ela está a dormir há muito
tempo. Queres que a acorde?...

Não, obrigado. Eu acordo-a.



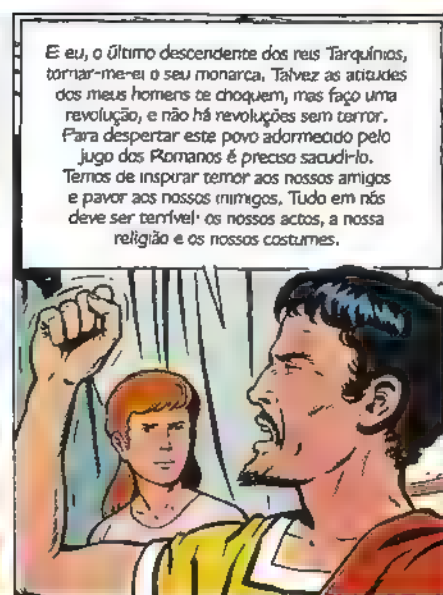
Mas quando Brutus se aproxima...

Vai-te embora! Não te suporto!... Foste tu
quem mandou raptar o meu primo, Claudius,
para depois o resgatar das garras dos teus
homens. Quiseste conquistar a confiança dos
pais da criança, para me teres à tua mercê...
Depois, foste tu quem mandou perseguir o
meu irmão e os seus companheiros, para os
sacrificarem ao teu abominável deus. Mas
Alix estragou-te os planos e vai libertar-me.



Alix? Libertar-te?!... Pobre
criança!... Só eu posso tirar-te
daqui. Mas sabes que não te
quero mal, pelo contrário!

Sairás daqui como rainha. Sim,
como rainha dos Etruscos,
pois quero restaurar a inde-
pendência e o reino deste
povo, ao qual os Romanos
roubaram a terra e a alma.



E eu, o último descendente dos reis Tárquínios,
tornar-me-ei o seu monarca. Talvez as atitudes
dos meus homens te choquem, mas faço uma
revolução, e não há revoluções sem terror.
Para despertar este povo adormecido pelo
jugo dos Romanos é preciso sacudi-lo.
Temos de inspirar temor aos nossos amigos
e pavor aos nossos inimigos. Tudo em nós
deve ser terrível! os nossos actos, a nossa
religião e os nossos costumes.



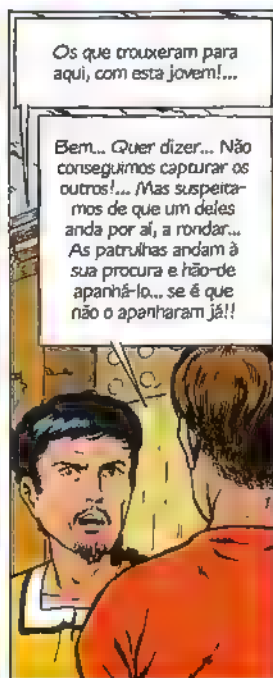
Nunca, Brutus. Jamais serei
mulher de um monstro, mesmo
com coroa!

Com o tempo, mudarás de
ideias... Entretanto, pensa
no que te disse... Até logo!



Quero um guarda diante desta porta...
E quero saber onde estão os prisioneiros...

Prisioneiros?!
Que prisioneiros?...



Os que trouxeram para
aqui, com esta jovem!...

Bem... Quer dizer... Não
conseguimos capturar os
outros!... Mas suspei-
tamos de que um deles
anda por aí, a rondar...
As patrulhas andam à
sua procura e não-de-
apANHÁ-lo... se é que
não o apenham já!!



Mas, num corredor da necrópole...



Pronto...
Está bem
aconcentrado.

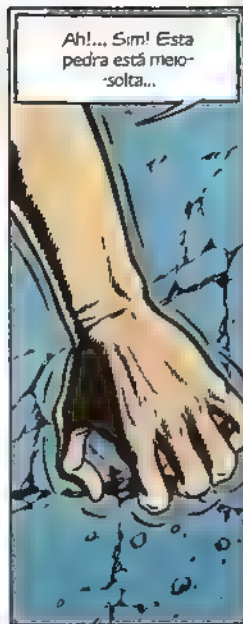
Percebeste bem?... Não
deixas entrar ninguém, a
não ser eu e a velha criada.

Antes morrer,
senhor!...



E, pouco depois...

Está só!... Mas como
ei, miná-lo?!?...



Ah!... Sim! Esta
pedra está meio-
solta...



A corrente está esticada. Ele não me vê...
É agora ou nunca.



Mas o que
é que...!?



AUUUU!



Alix precipita-se para a porta...

Grças aos deuses
não está fechada!...



E, pouco
depois...

Lidia!... Finalmente,
encontrar-te!...

ALIX!



Oh, Alix! Eu sabia que virias...
Mas cheguei a desesperar.

Ora, Lidia!
Calma!



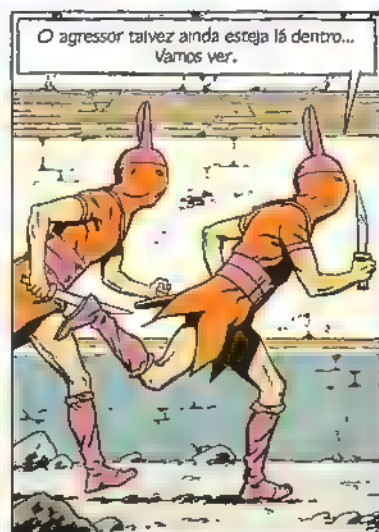
Pareço uma cola. Desculpa!

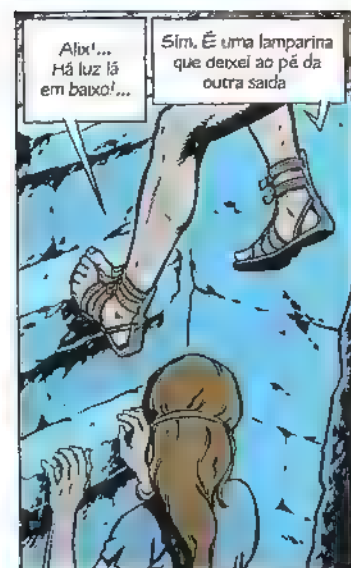
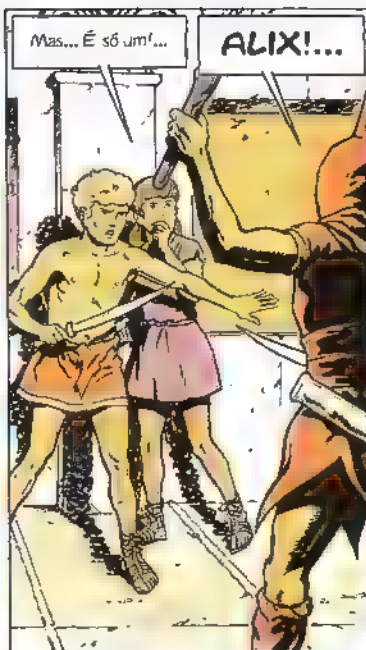
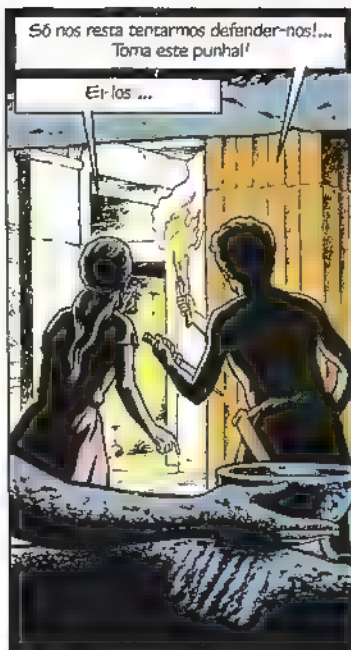
Depressa!...
Vamos embora!...

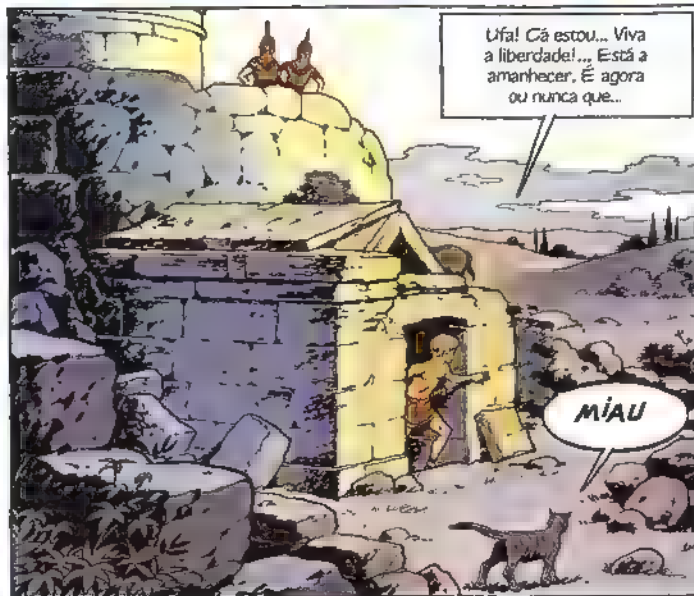
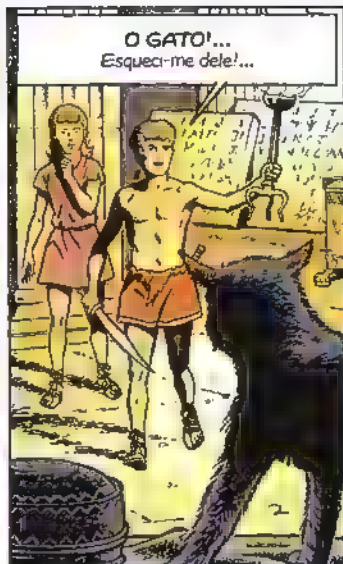


Entretanto, no corredor...

OH!...

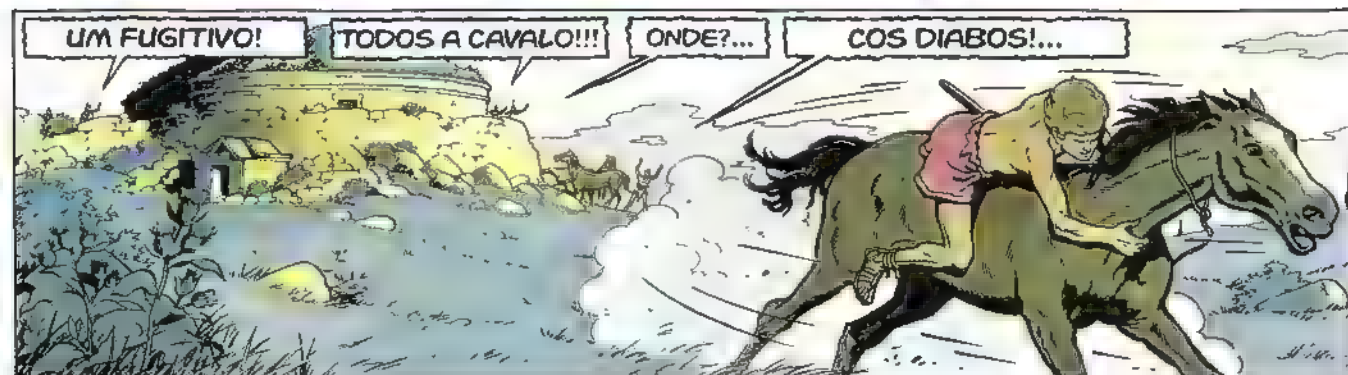
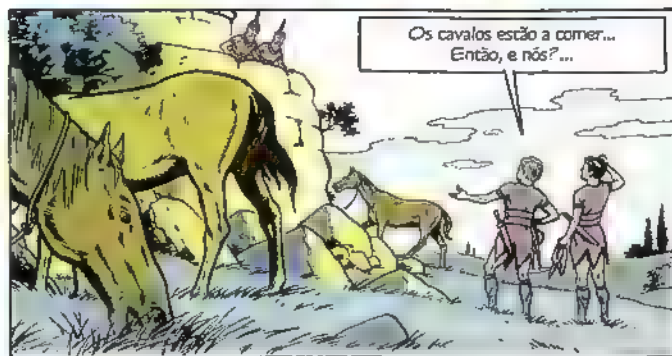
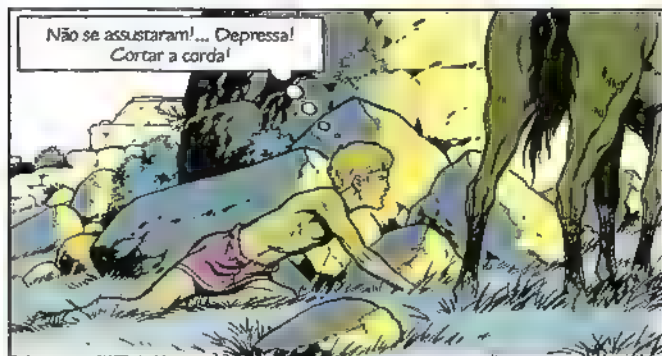


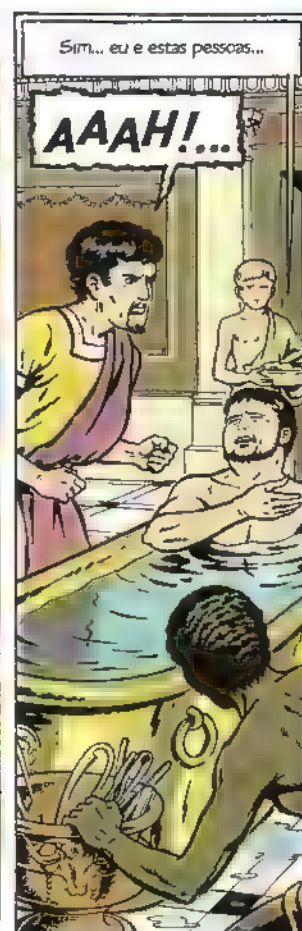
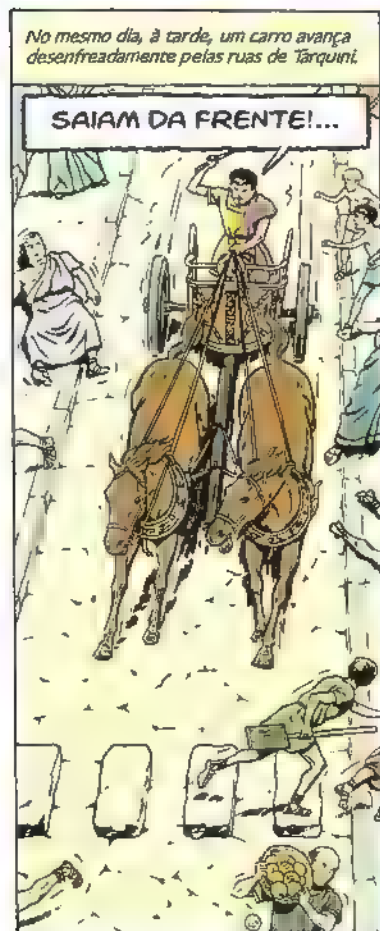






Tens razão... Brutus, o nosso... O grão-mestre detesta gatos. Diz que dão azar.





Pareces surpreendido por ver aqui estes amigos?!...
Vieram visitar-me porque... aah... o mais novo está
interessado na corrida de carros. Quer participar...
O que achas, Brutus?...

BASTA!...

Mas...

Eles sabem perfeitamente o que acho!...
Que fizeram à Lídia? Onde está ela? ...
QUERO SABER...

Como?!... Tu, que planeaste ardilosamente o rapto do meu filho, para depois o devolveres e conquistares a minha confiança... Tu, que eu acuso de seres o chefe dos seguidores de Moloch... Tu, que mandas queimar vítimas inocentes, semeando o terror, tens a ousadia de perguntar onde está Lídia, que sequestraste no teu refúgio?!...

CALA-TE! Eu, Brutus Tarquinius, último descendente dos reis etruscos e romanos, proíbo que me falem nesse tom...
LEMBRA-TE DISSO!

Mas Albx intervém...

LARGA-O!...

...derrubando Brutus com um gesto violento.

Então, meus amigos?!
Estão a ir longe demais.

Brutus levanta-se lentamente com o olhar carregado de ódio.

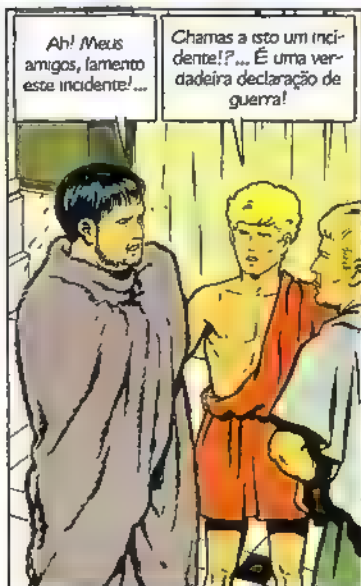
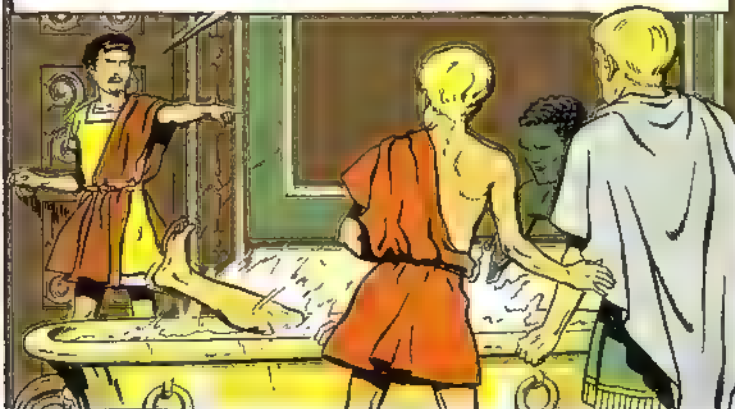
Queres participar na corrida de carros? Então, lá nos encontraremos! Amanhã será o teu último dia!

E tu, odre cheio de ar, não levantes um dedo, ou terás a mesma sorte...

Albx, um de nós tem de desaparecer... e sem demora!

...e irás fazer companhia às tuas queridas moreiras... Assim!

Não receio nada, nem ninguém. Sou mais poderoso do que este prefeito tolo, com os seus miseráveis soldados, pois posso pôr esta cidade a ferro e fogo. Para isso, bastariam algumas dezenas dos meus homens. Desafio-os a todos! E atenção: se tentarem seja o que for antes da corrida, ordenarei terríveis represálias!... Até amanhã!...



Chamas a isto um incidente!?... É uma verdadeira declaração de guerra!

Oh! Não exageremos!... Com diplomacia, podemos remediar as coisas... Infelizmente, Brutus tem razão: disponho de poucos soldados!... Por isso, sou obrigado a ter uma atitude conciliadora.



E a população? ... Um levantamento em massa resolveria o caso.

A população...?! Seria ainda pior! Os escravos podiam aproveitar para massacrar os seus senhores, e seria o fim da ordem pública. Só uma legião conseguiria repor a tranquilidade na cidade e nos campos... Lembrem-se da revolta de Espartacus! A população, nunca!



Então, se não queres fazer nada, vou participar na corrida de carros... Tullius, podes emprestar-me um carro?...

Certamente, Alix... Anda... Vamos tratar disso.



Horas depois, na necrópole etrusca...

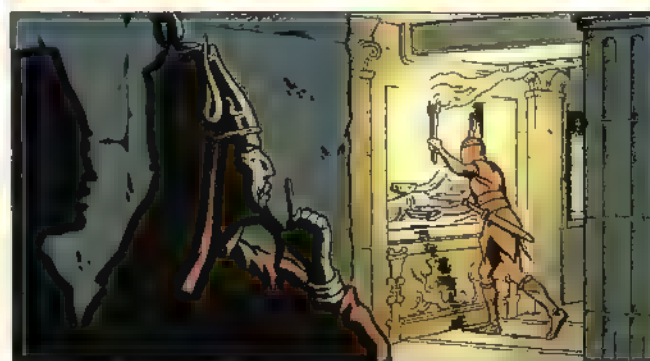


...um homem de Moloch avança cautelosamente, atento ao menor ruído.



De repente...

O que é que... Pareceu-me ouvir algo!... Deve ser impressão minha!...



Após pousar o prato, o homem afasta-se...

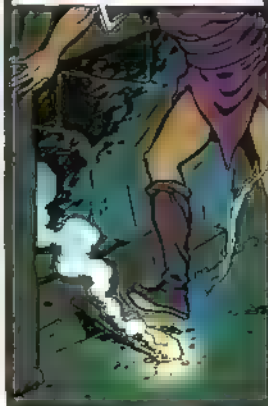


...e desaparece nos corredores da necrópole...



De repente, pára e apaga o archote com os pés.

No fundo desta antiga passagem, ninguém vai encontrá-lo... Agora, vou ver se alguém me estava a espiar...



Entretanto, perto do túmulo...

Está alguém na sala do tesouro... Como vês, o homem deixou um prato cheio de comida junto da passagem secreta.

E agora? O que vais fazer?...



Eu tinha razões para desconfiar de Brutus. Maldito!... Descobriu a sala do tesouro e escondeu lá a rapariga... Vai pagar caro!... Chama os outros sacerdotes. Depressa! A partir de agora, vai haver luta entre nós e os homens de Brutus.



Raios!... Não podem ver-me!...



O homem esconde-se rapidamente.



O sacerdote! Vai buscar reforços.



Pouco depois...

Oxalá não matem os jovens!...



Após uma longa espera...

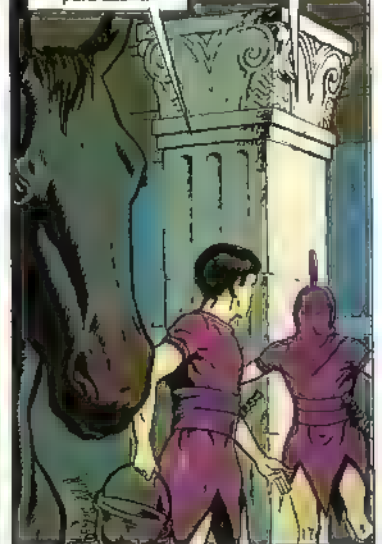
Raios!... Capturaram a jovem!... Mas onde está Afix?... Esperemos que tenha conseguido escapar!...

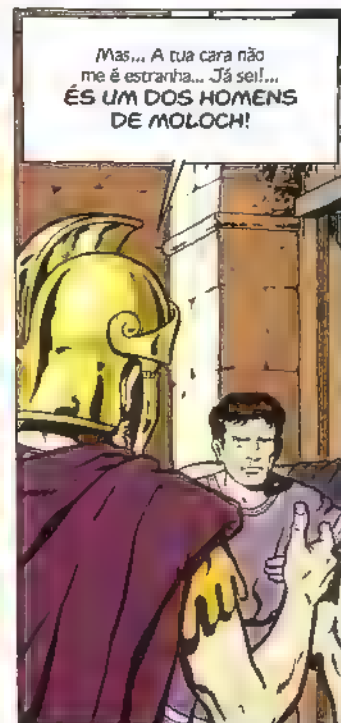
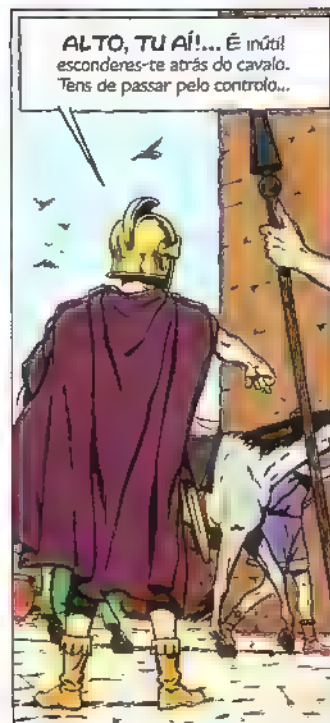
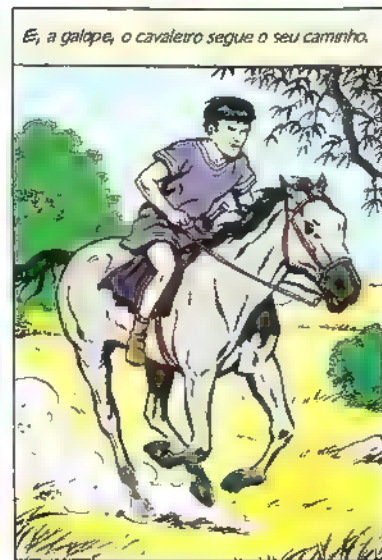
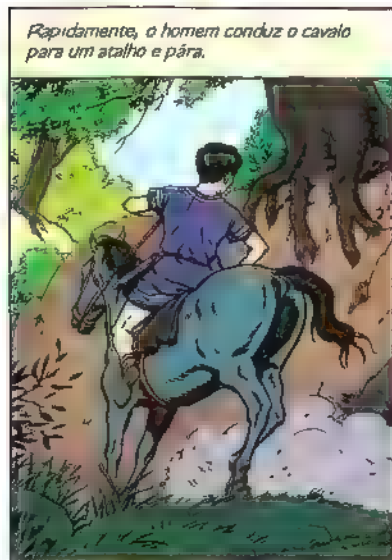
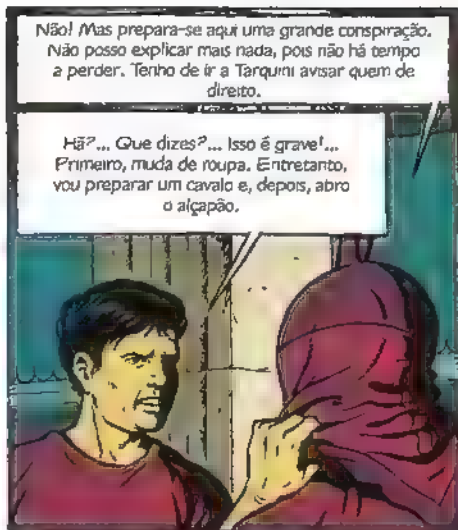


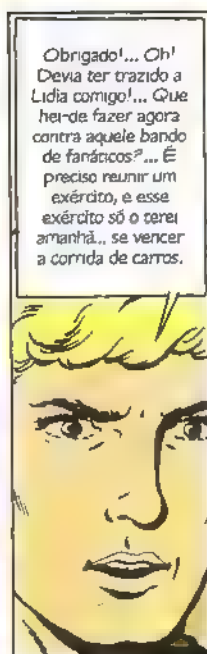
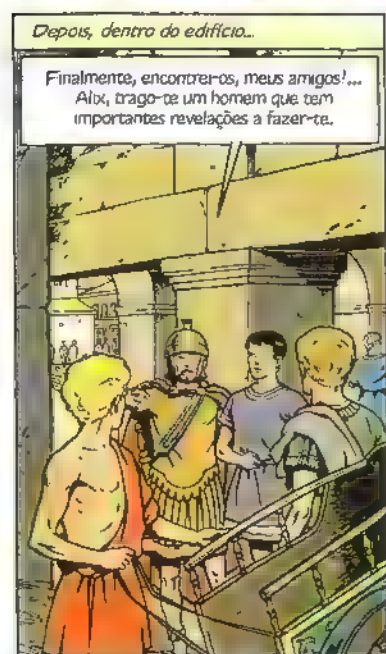
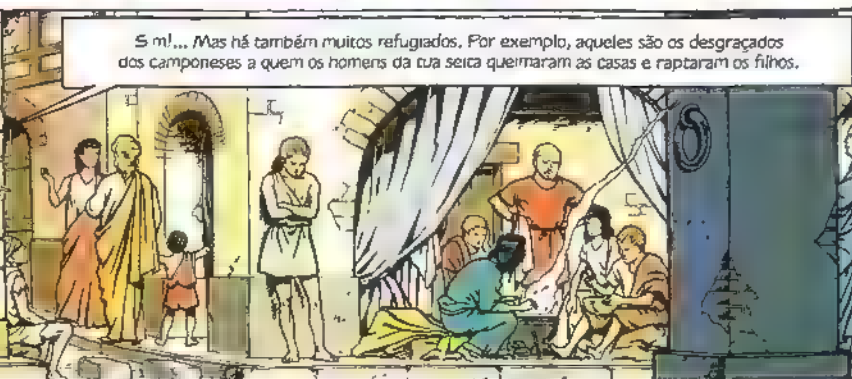
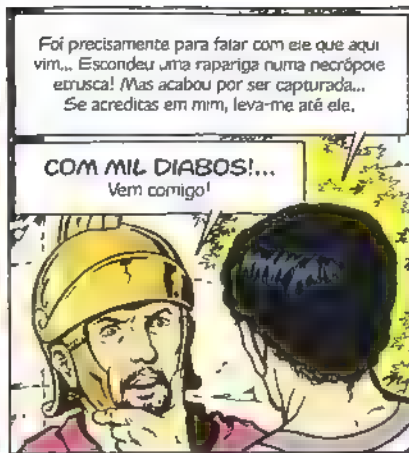
Muito depois destes acontecimentos, o homem de Moloch sai cautelosamente dos subterrâneos e dirige-se para as cavalariças.



Eh, tu! Depressa, um cavalo!... Tenho de ir a Tarquini, tens ordens para isso?...







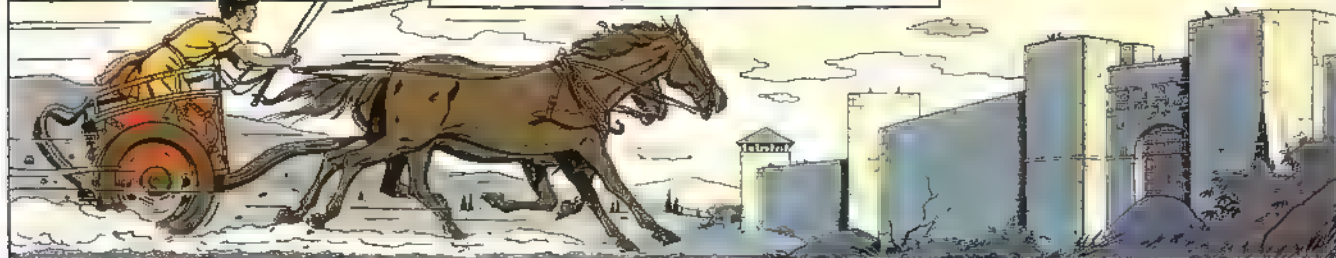
Após a missão, o grupo regressa à necrópole, com a sua colheita de vítimas inocentes.

Bravo, meus amigos! O Sol não tarda a nascer. Tenho de regressar a Tarquini. Lembrem-se das minhas ordens: nada de sacrifícios antes do meu regresso, e quero trinta homens amanhã, ao meio-dia, às portas da cidade. À noite, Tarquini será a nossa capital! Garanto-vos!

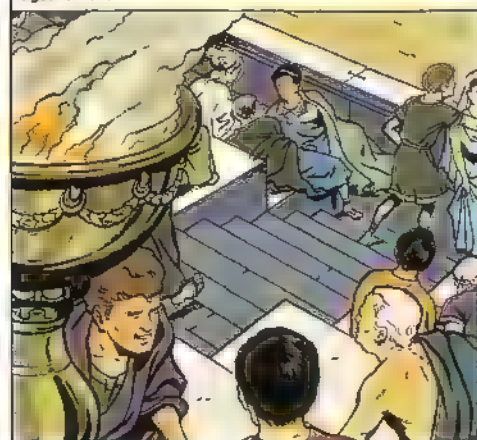


Uma hora depois...

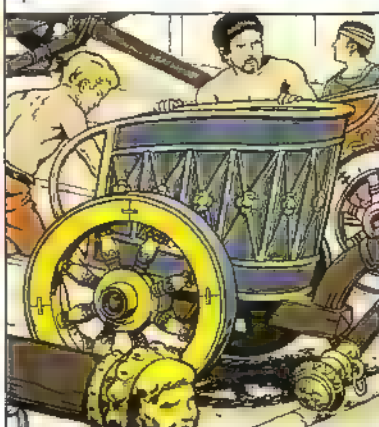
Ah! Tarquini!... A minha cidade!..



Ao amanhecer, no circo, no qual muita gente dormiu para conseguir os melhores lugares, a multidão começa a juntar-se.



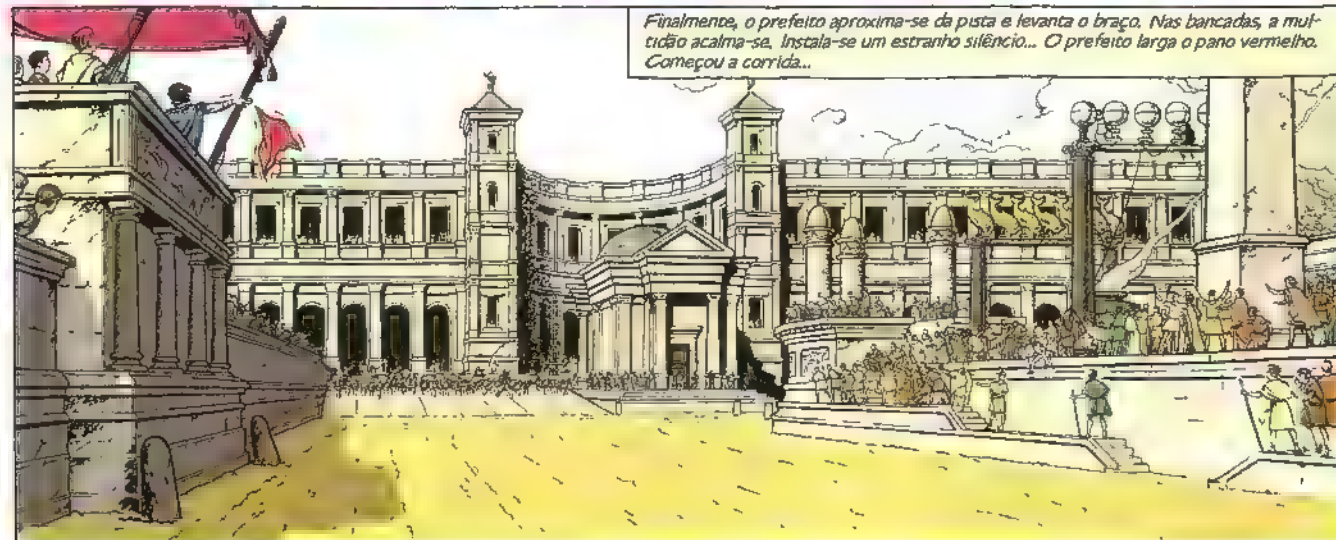
Após uma longa espera, os carros dos concorrentes são levados para o local de partida.



Depois, sob os aplausos da multidão, os condutores dos carros tomam os seus lugares. Esticando as rédeas, com os músculos tensos e o olhar fixo na tribuna, aguardam.



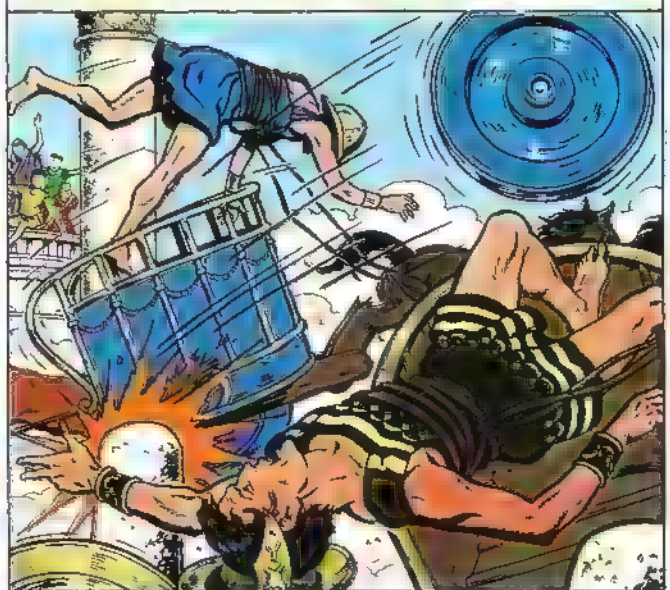
Finalmente, o prefeito aproxima-se da pista e levanta o braço. Nas bancadas, a multidão acalma-se. Instala-se um estranho silêncio... O prefeito larga o pano vermelho. Começou a corrida...



Como loucos, os oito corredores lançam os seus carros na pista, em direcção à primeira curva.



E acontece o que a multidão esperava: várias quadrigas despistam-se e viram-se, no meio dos gritos dos homens e do relinchar dos cavalos.



Em breve, os carros distanciam-se uns dos outros, e destaca-se um condutor: Brutus.



Das sete voltas à pista que constituem a prova, foram já percorridas três.



Correndo grandes riscos, um condutor ultrapassa todos os rivais, um a um.



Na recta à frente da tribuna oficial, aproxima-se do carro de Brutus.



Entre os dois carros trava-se uma luta que faz vibrar os espectadores. De pé, todos gritam e batem com os pés.



Por momentos, os dois adversários estão lado a lado...

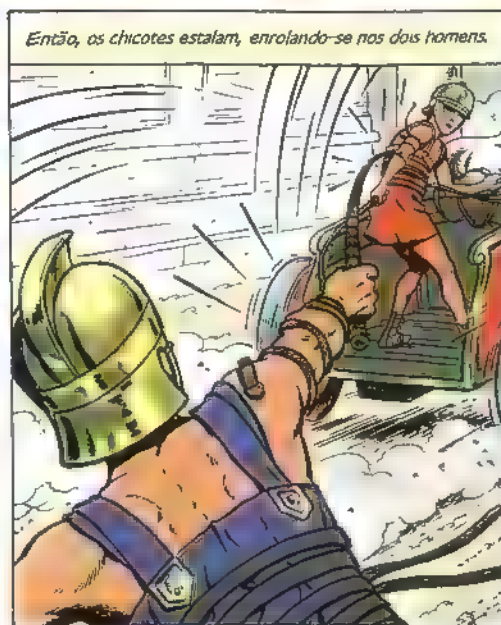
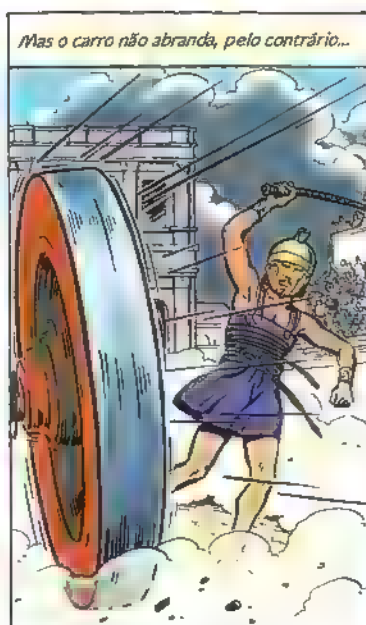


Então, Brutus saca de um punhal.

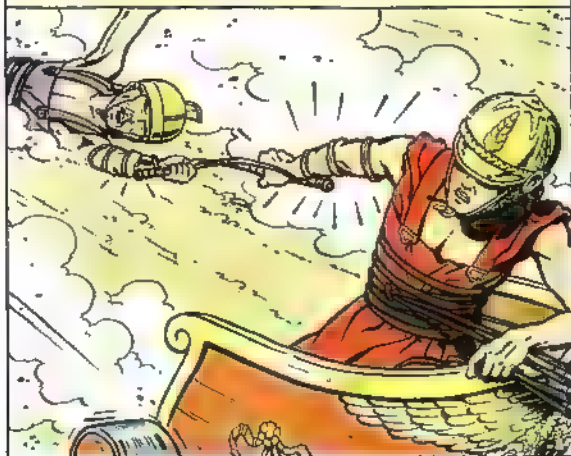


EU AVISEI-TE!...





O choque é terrível. Desesperado, Alix agarra-se com força, enquanto Brutus, estendido no chão, é arrastado a toda a velocidade.



Mas a dor no braço de Alix torna-se insuportável e, com um golpe de punhal, ele corta o chicote.



Perante a surpresa geral, pára o carro...



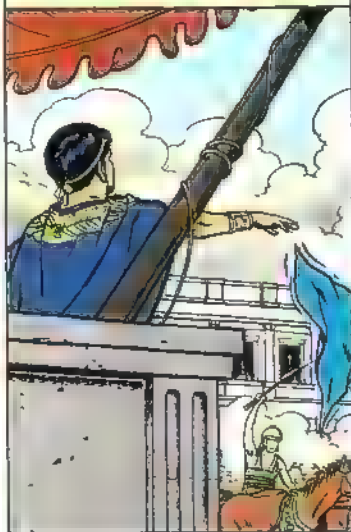
...e corre para o rival estendido no chão.



Eh!... Ajudem-me a levá-lo lá para cima. Despachem-se.



Entretanto, os carros ainda em prova completam o circuito e, no meio do tumulto, o prefeito assinala o fim da corrida.

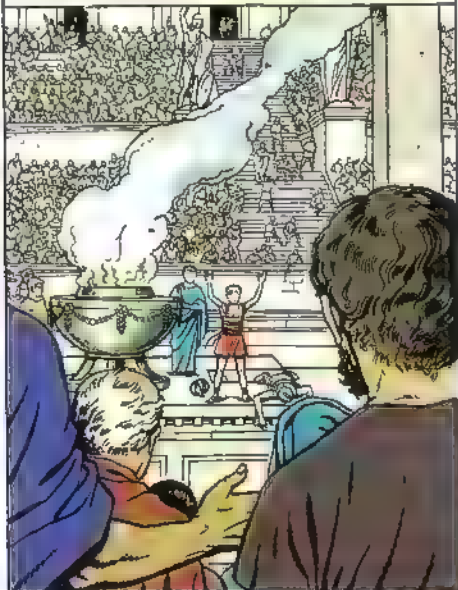


Todos os olhares estão pregados em Alix, que depositou Brutus a seus pés. Então, o jovem levanta os braços.

SILÊNCIO!...



Pouco a pouco, o imenso estádio acalma-se e a multidão fica atenta.



Obrigado!... Como viram, podia ter vencido a corrida. Mas não foi para isso que participei. Foi para enfrentar este homem, Brutus, chefe dos homens de Moloch, que aterrorizam os campos e enlutam as vossas famílias!... Este homem quer restabelecer um culto abominável e um reinado do qual ninguém tem boas recordações.



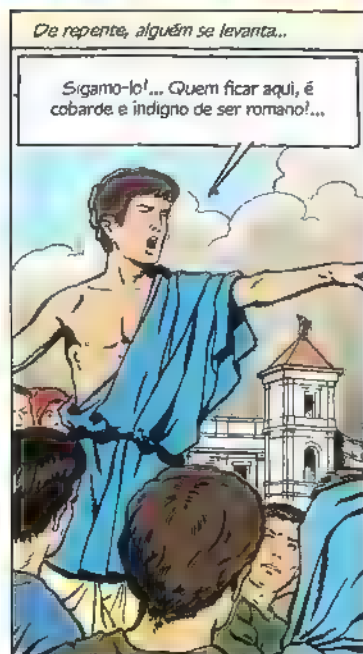
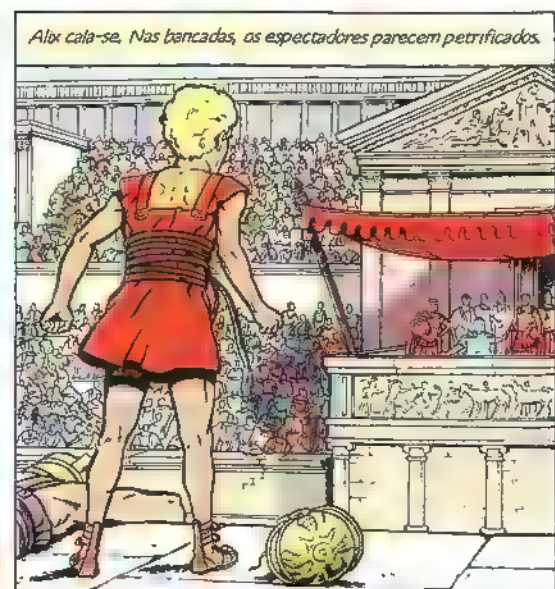
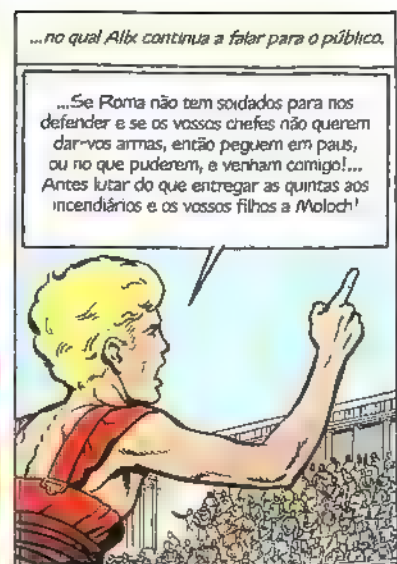
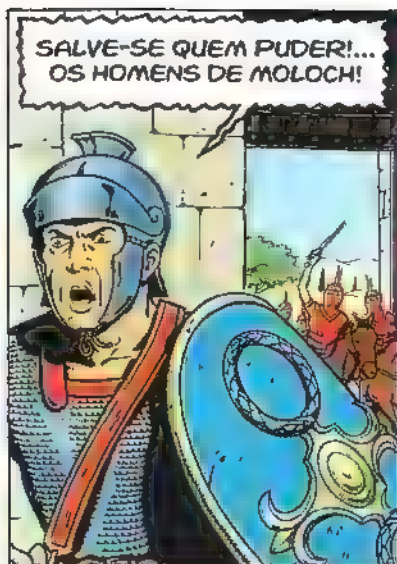
Entretanto...

Este súbito silêncio no estádio é inquietante!..

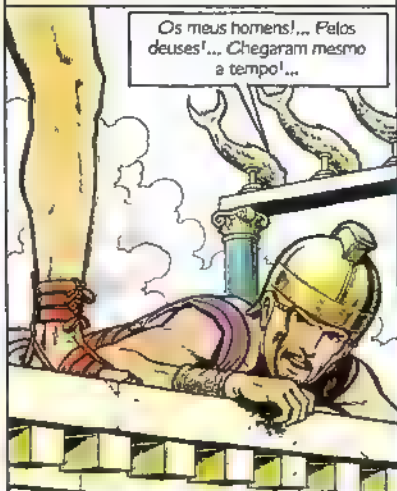
Passa-se algo de anormal!...

Não vamos esperar mais...
EM FRENTE!...



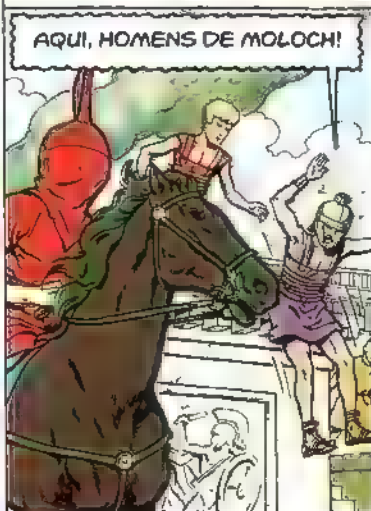


Ao ver os homens de vermelho, a multidão cala-se subitamente. Este estranho silêncio faz Brutus levantar a cabeça.



Os meus homens!... Felos deuses!... Chegaram mesmo a tempo!...

Como um felino, Brutus levanta-se rapidamente e salta.



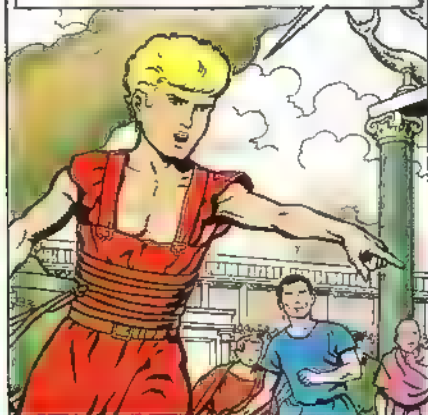
AQUI, HOMENS DE MOLOCH!

TEMOS UM CAVALO PARA TI!...

OBRIGADO!



BRUTUS!... Antes de ajustarmos contas definitivamente, a única coisa que ainda podes fazer é salvar Lúcia. Ela está nas garras do teu sumo sacerdote... Depressa!...

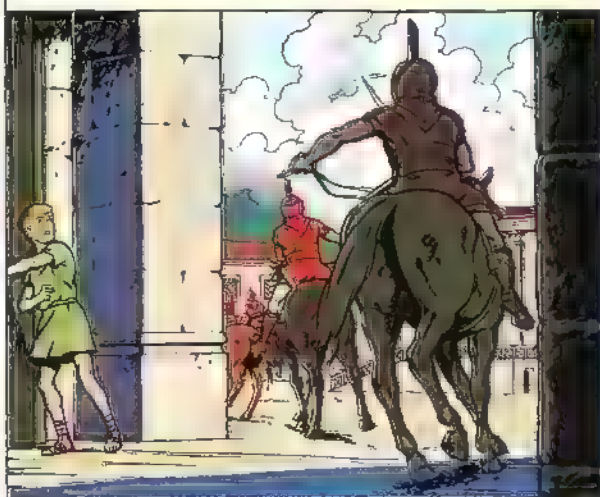


Por instantes, Brutus decê-se e lança ao seu inimigo um olhar fulgurante. Depois...

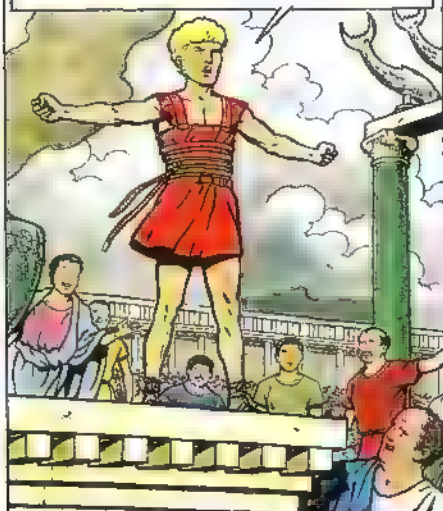
VAMOS!...



Os cavaleiros largam rapidamente a galope e saem do circo.



Eis os homens que querem escravizar-vos! Assassinos que não hesitam em invadir as vossas casas de espada em punho!... Vão deixar que vos humilhem por mais tempo, agora que é possível aniquilá-los?... É hoje ou nunca!... Vamos, Romanos!... Às armas!...



Após estas palavras, o circo vibra com uma forte ovação.

O meu carro! Depressa!... Tragam o meu carro!... Isto vai ser prodigioso!...

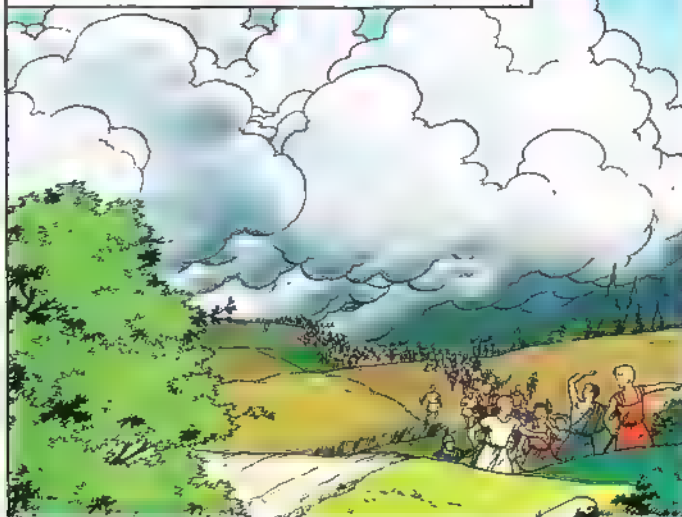


Pouco depois, uma enorme multidão sai de Tárquini, comandada por Alb.

Oxalá não seja demasiado tarde!...



Enquanto este estranho exército avança pelos campos, as nuvens que se amontoam no horizonte tapam subitamente o Sol.



E quando se ouvem os primeiros sons de uma tempestade ainda distante, Brutus e os seus homens chegam à necrópole.



Mal entram, o grão-mestre dá as suas ordens.

Quero que dois de vocês preparem os cavalos. Talvez precisemos deles em breve!... Os outros vão comigo!

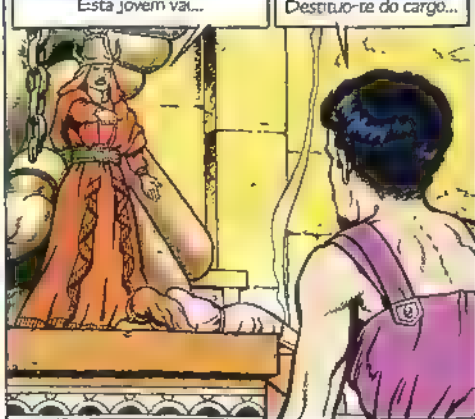


Há luz na sala dos sacrifícios!... Chegámos a tempo!



Brutus!... Estava à tua espera. Tens de assistir a este sacrifício como expiação dos teus pecados. Esta jovem vai...

CALA-TE!... Já me desobedeceste, enganaste e provocaste o suficiente! Destituí-te do cargo...



Desce daí!... Depressa! Se eu subir esta escada, a minha vingança será tão violenta como a minha fúria!

Nem mais um passo!... Seria a tua morte!...



Apesar de tudo, Brutus, implacável, sobe os degraus até ao sumo sacerdote...



...e dá-lhe um violento soco.



Mas, nesse instante...

ALERTA!...





É uma multidão armada!... Aproxima-se tão depressa como a trovoadra!... Avise imediatamente o grão-mestre!...



É quando este aparece...

Vem aí um grupo de cavaleiros!... Estamos cercados!

Maldição!



Desce daí!... Temos de fugir pelo subterrâneo que conheço... Mas, primeiro, vamos buscar o ouro e as armas.



Senhor!... A rapariga vai a fugir!...

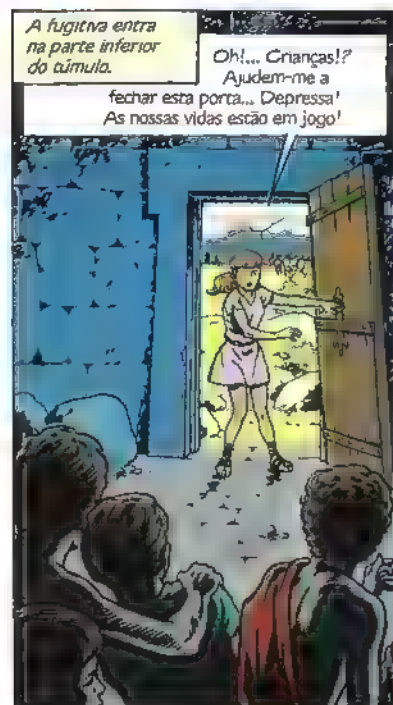


Raios! LÍDIA!...
PÁRA, LÍDIA!... Vamos apanhá-la!



Demasiado tarde!... Olha! vamos ser atacados a qualquer momento... Fugamos!

Ainda não!... Primeiro, temos de apanhar Lídia!... Não pode estar longe.



A fugitiva entra na parte inferior do cumulo.

Oh!... Crianças!?
Ajudem-me a fechar esta porta... Depressa! As nossas vidas estão em jogo!



Os jovens prisioneiros apressam-se a ajudá-la.

Tragam pedras. Despachem-se! Se tentarem derrubar a porta, resistam com toda a vossa força!



Mas, lá fora...

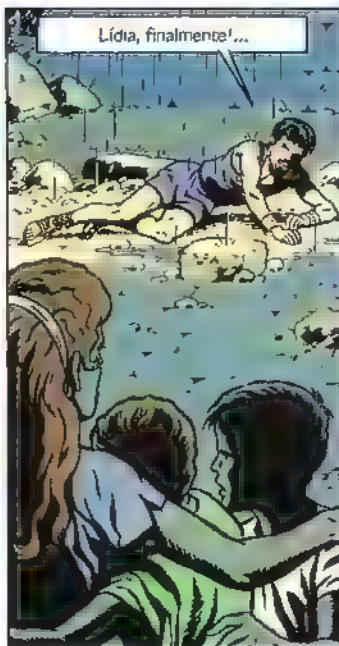
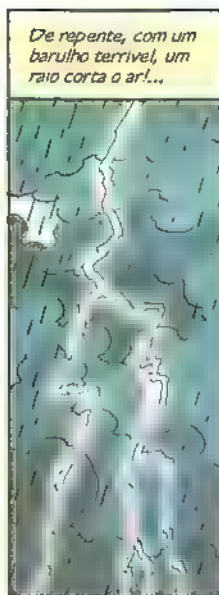
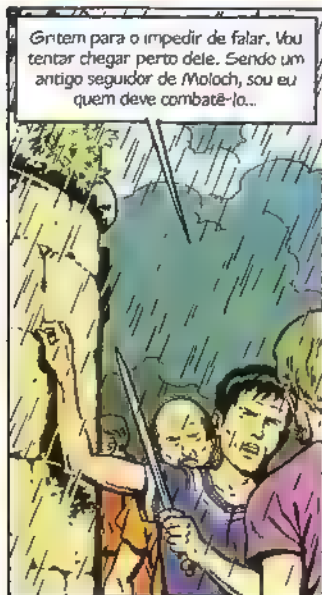
LÍDIA!... ABRE!... VOU...

Senhor!... Senhor!... Os nossos estão a abandonar-nos! Temos de fugir!



ATACAR!...

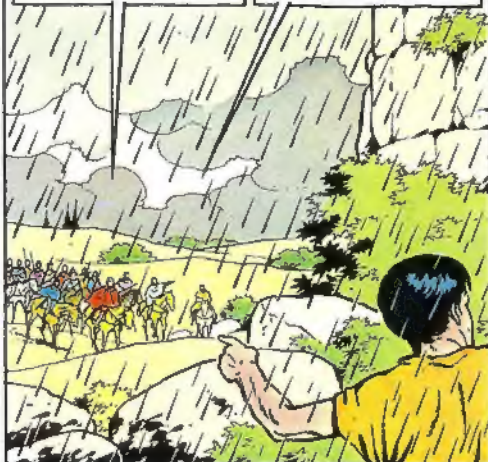
Nesse momento, começam a cair as primeiras gotas de chuva, e o invulgar exército comandado por Alex lança-se ao ataque da muralha da necrópole.



A tempestade começa a amainar, e o grupo de cavaleiros avistado pela sentinela aproxima-se da necrópole.

Devíamos abrigar-nos.

Não... Olha... Ali, há uma abertura.



De facto... Mas chegámos demasiado tarde... O local está cercado.

Entretanto, debaixo do tumulto...

Lídia!... Não abras a porta!... Peço-te!



Mas a jovem mal tem tempo para se afastar... A porta cede a uma violenta investida.

ALIX!!!...



NÃO LHE FAÇAM MAL!... A partir de agora, este homem pertence à justiça... Amarram-lhe as mãos e levem-no com os outros prisioneiros.

Oh! Alix!...



Pouco depois...

Não foste tu quem me venceu... Foi ela!...



Alix! Olha... Vem aí cavaleiros... Fazem sinais amistosos.



Vou já... Tu, não deixes que ninguém maltrate os prisioneiros. Não será fácil, mas tem de ser assim!

Conta comigo!



Depois, os dois jovens dirigem-se para o grupo de recém-chegados.

Octávio!... Enak!... Heraklion!... Valerius Sinner!...

Oh! Que alegria!...



Octávio tinha razão! Quando chegou a Roma com Enak e me contou tudo, disse-me que esta necrópole devia ser o esconderijo dos homens de Moloch. Então, reuni os meus homens e aqui estamos... Demasiado tarde, pois antecipeste-te, Alix! Que alegria voltar a ver-vos sãos e salvos!



De repente...

À MORTE!... CÃES!... CRIMINOSOS!...

Um momento!... Cos diabos!... Vão matá-los!



NÃO!... NÃO!... São prisioneiros e, enquanto eu for vivo, ninguém lhes toca... A única coisa que podem fazer é mostrar o vosso desprezo com o silêncio.



Pouco a pouco, a multidão cala-se e os homens de Moloch continuam a avançar entre uma fila dupla de gente enfurecida.



Nesse instante, de entre as nuvens, surge uma ave majestosa...



...que faz um voo picado.



Quando está a poucos metros, Brutus levanta a cabeça...



E a águia abate-se sobre o miserável. Perante isto, a fúria dá lugar à surpresa, e a multidão dispersa...



Depois, com um movimento rápido, a ave abandona a presa e volta a subir no céu.



Olha, Octávio! É a águia!... Júpiter, o Grande, quis ser ele próprio a vingar-se!

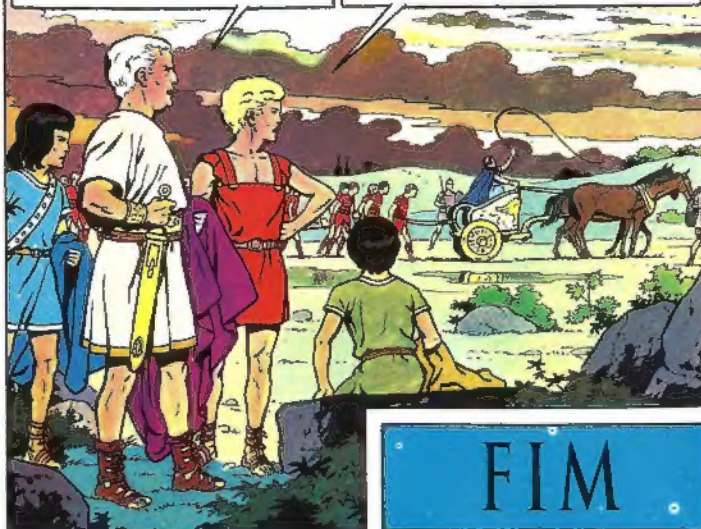
Não se aproximem! É melhor não verem!... A justiça da águia foi mais rápida e implacável do que a justiça dos homens.



Pouco depois...

Repara como Vesius Pollio se exhibe no carro do vencedor!... No entanto, pelo que ouvi em Roma, ele vai ser destituído das suas funções.

Sim!... Um homem como ele não é digno de ser prefeito! Se estivéssemos à sua espera para lutar contra estes fanáticos, Brutus teria triunfado e Moloch reinaria por toda a parte!... Felizmente, a paz voltou!



FIM



Inserida na Bedeteca PÚBLICO/ASA a Coleção Alix, editada entre Março e Junho de 2010, inclui 16 títulos de referência deste personagem, considerado um dos mais célebres da História da BD.



As mais célebres personagens da BD



1



2



3



4



5



6



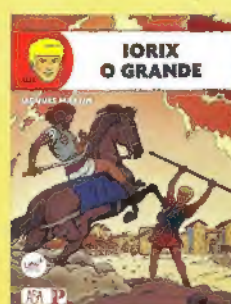
7



8



9



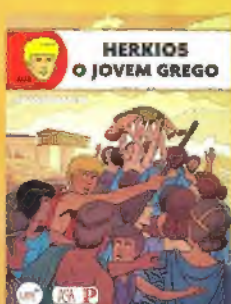
10



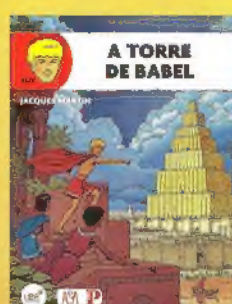
11



12



13



14

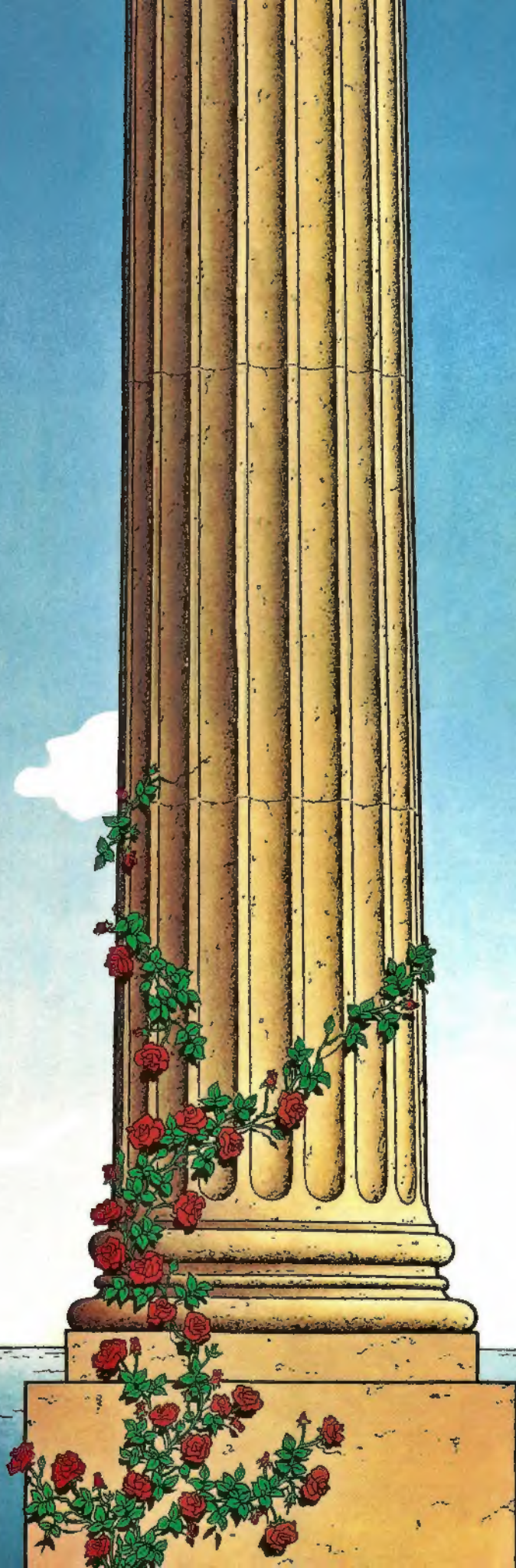


15



16





Ano 53 a.C. Alix, um jovem escravo dos romanos, fica a saber quais são as suas origens. O amo, o patrício romano Honorus Galla, revela-lhe antes de morrer que os seus pais eram mercenários gauleses de uma tribo que combateu ao lado dos romanos. E que, por essa razão, tinha decidido protegê-lo.

Assim começa uma longa saga iniciada no dia 16 de Setembro de 1948 na edição belga da revista *Tintin*. Alix, da autoria de Jacques Martin, é a mais completa e exigente série de matriz histórica produzida pela BD de expressão franco-belga. Mas seria demasiado simplista ver nesta criação a expressão típica do género de aventuras históricas. Sem enjeitar para os seus personagens um papel determinante no desenrolar da acção de cada aventura, o autor impregna a sua obra de uma dimensão trágica que permanece, para além do evidente classicismo do desenho e da dimensão "pedagógica" da obra, um elemento maior da narrativa.

As aventuras de Alix são o palco por excelência do choque de interesses, vontades, desejos e percursos individuais que, não raras vezes, se resolve de forma simultaneamente violenta e dramática, quase sempre injusta e, em muitos casos, hipotecando mesmo o efectivo poder do herói como motor da acção e agente das transformações que dele se esperam. Ou seja, Alix apresenta-se, na melhor tradição clássica, como um elemento mediador entre designios que em muito o transcendem, pondo em evidência uma dimensão humana que só muito parcial e limitadamente é senhora do seu próprio destino.

Nada disto retira a Alix a condição de um herói integrado na História, que luta corajosamente contra todos os que ameaçam a paz romana de forma desinteressada, tolerante, generosa e sensível. São estes atributos que fazem dele um herói claramente positivo e explicam o grande sucesso da série, agora publicada de novo em Portugal numa parceria PÚBLICO-Edições ASA.

